convergência

MAR - 1990 - ANO XXV - Nº 230



- CAMPANHA DA FRATERNIDADE/1990 Inês Broshuis — página 85
- MISSÃO E VIDA RELIGIOSA Marcello Azevedo S. J. — página 118

CONVERGÊNCIA Revista da

Conferência dos Religiosos do Brasil: CRB

Diretor-Responsável: Pe. Edênio Valle, SVD

Course

Redator-Responsável: Padre Marcos de Lima, SDB (Red. 12.679/78)

Equipe de Programação: Pe. Ático Fassini, MS Pe. Cleto Caliman, SDB Ir. Delir Brunelli, CF Ir. Maria Carmelita de Freitas, Fl

Direção, Redação, Administração: Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º / Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299 / 20031 RIO DE JA-NEIRO — RJ.

 Assinaturas para 1990

 Brasil, taxa única:

 terrestre ou aérea
 NCz\$ 429,00

 Exterior: marítima
 US\$ 38,00

 aérea
 US\$ 48,00

 Número avulso
 NCz\$ 42,90

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Composição: Linolivro S/C Ltda., Rua Dr. Odilon Benévolo, 189 — Benfica — 20911 Rio de Janeiro. RJ.

Fotocomposição: Estúdio VM — Composições Gráficas, Ltda., Rua Escobar, 75, s. 202 — São Cristóvão — 20940 Rio de Janeiro, RJ.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Vozes Ltda., Rua Frei Luís, 100 — Centro — 25685 Petrópolis, RJ.

Nossa Capa

Sinaliza, em instantânea percepção visual ilusória, algo como uma tela de TV, este prodigioso projetor de cenários fugidios, incapaz, porém, de revelar a realidade por trás da rapidez da luz em movimento e da imagem em ação. A TV domina o nosso cotidiano e reflete, em nossas estruturas interiores, o conjunto da trama de nosso tempo. Cada vez MAIS se pensa MENOS sem a IMAGEM como fator constituinte de sua expressão ou de seu processo de criação. Hoje a dinâmica telemática, com horizontes inimagináveis, ameaça aposentar o papel como suporte ff-

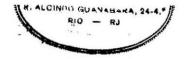
sico informacional. A sociedade informatizada tornou obsoletos os parâmetros unidimensionais da linha e bidimensionais da superfície. Ela quer o ESPACO e, por isso, o código agora é outro: antena parabólica, disquete. fotograma de vídeo, 'frame', inteligência artificial, laboratório holográfico, 'laser', osciloscópio, satélite, terminal de acesso remoto. 'transponder', etc. Utilizando avanços tecnológicos eletroacústicos, sonha-se com o som da cor e a cor do som sintetizados eletronicamente com força icônica e semântica. É no vídeo, se alega, e não na PÁGINA que a palavra, num 'clone' sincrético, se realiza plenamente. III A Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) dispõe de uma retórica como estratégia de argumentação que busca convencer quanto à credibilidade de sua mensagem. CONVERGÊNCIA é o meio de que se utiliza. Agui o meio já é a mensagem. SÓ, a visualização ilude, cria fantasia conceitual e nos mantém na casca de nós mesmos. A LEITU-RA, porém, propicia o retorno e novas interpretações. LER CONVERGÊNCIA, mensalmente, é fértil plataforma de novas possibilidades de iluminação dos mistérios que a Vida Religiosa envolve pelo lampejo de uma observação inédita proveniente da fé (Pe. Marcos de Lima, SDB).

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o n.º 1.714-P.209/73.

SUMÁRIO

EDITORIAL	65
INFORME DA CRB	68
CAMPANHA DA FRATERNIDADE/1990 Inês Broshuis	85
POTENCIAL PROFÉTICO DA MULHER LATINO- AMERICANA NA IGREJA E NA SOCIEDADE Ir. Maria Carmelita de Freitas, Fl	95
A MISSÃO HOJE Pe. Jorge Paleari, PIME	106
MISSÃO E VIDA RELIGIOSA Marcello Azevedo S. J	118

EDITORIAL



Há dez anos, Dom OSCAR RO-MERO, Arcebispo de SÃO SAL-VADOR, era martirizado.

No dia 24 de março de 1980, durante a celebração da Eucaristia, balas assassinas silenciaram com a morte a viva profecia desse Bispo Mártir. No entanto, dissera ele alguns dias antes, "se me matarem, ressuscitarei no povo salvadorenho. Digo-o sem nenhum orgulho, com a maior humildade".

Essas palavras proféticas foram se tornando realidade logo após. "Seu enterro, a 30 de marco, foi acima de tudo uma formidável expressão dessa ressurreicão, uma das maiores, se não a major manifestação popular na história de EL SALVADOR. E. com certeza, a manifestação mais sentida, mais dolorosa e mais carinhosa. Todos choramos de verdade - houve alguns que celebraram sua morte com champanha - e os pobres o choraram como se chora por uma mãe ou um pai" (JON SO-BRINO, in Mi recuerdo de Mons. Romero", p. 121-182 de DIAKOiunho, 1989, Manágua). NIA. Nesse mesmo dia, além das lágrimas, novo sangue derramado marcou esse enterro inaudito. Muitos que acompanhavam o cortejo fúnebre, tombaram metralhados pelos mesmos assassinos. Pela mesma causa. Com o mesmo ódio. E "o corpo de Dom Romero foi enterrado às pressas

na Catedral, enquanto seu espírito começou a revolutear pelo mundo inteiro... Dom Romero foi um 'evangelho', uma boa notícia de Deus' (ib.). Alguém afirmou: "A história da Igreja na América Latina se divide em duas partes: antes e depois de Dom Romero".

JOÃO PAULO II, ao visitar EL SALVADOR em 1983, altera o roteiro de sua caminhada e entra na Catedral onde, ajoelhado ante a tumba de Dom Oscar, rezou e exaltou a figura desse Bispo, como "zeloso pastor a quem o amor de Deus e o serviço aos irmãos levaram até mesmo à entrega da própria vida de forma violenta, enquanto celebrava o sacrifício do perdão e da reconciliação".

O povo simples e pobre identificou logo a causa desse martírio: "Dom Romero disse a verdade, defendeu a nós, os pobres, e por isso o mataram" (ib).

Dom Oscar, esse Bispo de alma grande, fizera uma verdadeira opção pelos pobres de seu rebanho. Muitos são os fatos de sua vida que disso dão testemunho. A 10 de fevereiro de 1980, na situação desastrosa do país, Dom Romero mais uma vez saía em defesa de seu povo oprimido. Em meio às denúncias proféticas da opressão e injustiça reinantes, feitas numa homilia, afirmou também: "Quem me dera, queridos irmãos, que o fruto dessa

pregação de hoje seja que cada um de nós se encontre com Deus e que vivamos a glória de sua majestade e de nossa pequenez!... Ninguém se conhece enquanto não se encontrar com Deus" (ib.).

"Quem pronunciou estas palavras é porque vive uma profunda experiência de Deus. Em nome de Deus, Dom Romero defendeu a vida dos pobres, e quando queria oferecer-nos a todos o melhor que possuía, ofereceunos simplesmente a Deus", comenta JON SOBRINO (ib.).

É assim que Dom Romero se tornou profeta. Por isso também, e como os grandes profetas bíblicos, foi perseguido. "Alegrome, irmãos, pelo fato de nossa Igreja ser perseguida, precisamente por sua opção preferencial pelos pobres e por querer encarnar-se no interesse dos pobres. Seria triste se, numa pátria onde se está assassinando tão horrorosamente, não contássemos entre as vítimas, também sacerdotes. São o testemunho de uma Igreja encarnada nos problemas do povo... A Igreja sofre o destino dos pobres: a perseguição. Nossa Igreja se gloria de ter mesclado seu sangue de sacerdotes, de categuistas e de comunidades com os massacres do povo, e de haver carregado sempre a marca da perseguição... Uma Igreja que não sofre perseguição, antes desfruta dos privilégios e do apoio terreno, essa Igreia — tenho medo! não é a verdadeira Igreja de

Jesus Cristo" (Dom Oscar Romero, ib.).

Essa Igreia de EL SALVADOR não cessa de ter seus mártires. No meio da multidão de pobres massacrados, já antes da morte de Dom Romero, sobressai, a 12 de março de 1977, a do Pe. RU-TILIO GRANDE SJ que causou um impacto transformador em Dom Oscar. O martírio dessa Igreja que fez opção pelos pobres, prosseque. Na madrugada de 16 de novembro de 1989, além da cozinheira e de sua fi-Ihinha, seis sacerdotes da Comunidade Jesuíta da Universidade Centro-Americana, em SÃO SALVADOR, foram barbaramente mortos por cerca de trinta homens uniformizados que invadiram a casa da Comunidade. Entre os mortos estão: IGNACIO ELLACURÍA. IGNACIO MARTIN BARO, JOAQUIM LÓPEZ Y LÓ-PEZ, JUAN RAMÓN MORENO. SEGUNDO MÓNTEZ e ARMAN-DO LÓPEZ. Esse mesmo Pe. ELLACURÍA, na missa celebrada nesta mesma Universidade de que era Reitor, poucos dias após a morte de Dom Oscar, havia dito: "Com Dom Romero, Deus passou por EL SALVADOR" (ib.)

Essa Passagem-Páscoa de Deus não cessou ainda. Ela continuará enquanto os pobres e seus servidores continuarem sendo martirizados. Pobre povo, tão esmagado! Bendito povo com tantos mártires!

CONVERGÊNCIA presta aqui, sua homenagem a essa Igreja, na homenagem a seus mártires. Ela o faz nesse momento de Quaresma. De apelo à conversão que a Campanha da Fraternidade de 1990 — "Mulher e homem: Imagem de Deus" — nos faz.

Possa a Vida Religiosa latinoamericana se alegrar sempre em Deus pelo testemunho de tantos irmãos!

Pe. Atico Fassini, MS

Curiosidade ou compromisso?

- Bíblia "Senhor, é pequeno o número dos que se salvam?", Lc 13, 23.
- Leitor Não é indagação a ser respondida mas lamentada porque curiosidade destituída até de aparência de compromisso. A resposta não mudaria em nada a atitude presente. Jesus não responde, mas insinua e alerta para a necessidade de uma imediata decisão. "Esforçai-vos por entrar pois muitos procurarão entrar e não conseguirão", Lc 13, 24.

Impor as mãos

- Bíblia "Eu te exorto a reavivar o dom de Deus que há em ti pela imposição das minhas mãos". 2 Tm 1.6.
- Leitor Impor as mãos é o gesto da bênção, o gesto da cura, o gesto da comunicação do Espírito Santo, o gesto de consagrar para uma missão particular. REAVIVAR o dom porque ninguém é cristão uma vez para sempre. Se não se aviva, corre-se o risco de não corresponder ao projeto de Deus.

O que torna a oração eficaz

- Bíblia "O Senhor é um juiz que não faz acepção de pessoas. Ele não considera as pessoas em detrimento do pobre, mas ouve o apelo do oprimido, não despreza a súplica do órfão nem da viúva", Eclo 35, 12-14.
- Leitor Deus não se deixa subornar, manipular, corromper-se. Nada valem diante dele a posição social, o dinheiro, o poder e o saber. Ele detesta quem parece querer comprá-lo com ofertas, ritos, celebrações. Pelo contrário, humildade, confiança, sinceridade de coração, entrega em suas mãos, tornam a oração agradável e eficaz (Pe. Marcos de Lima, SDB).

INFORME

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

STATION OF A CONTROL OF WATER AND A CONTROL OF A CONTROL OF A CONTROL OF A CONTROL OF A CONTRACTOR OF A CONTROL OF A CONTR

CORRESPONDÊNCIA DA SANTA SÉ À CRB

 CONGREGAÇÃO PARA OS INS-TITUTOS DE VIDA CONSAGRA-DA E SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA.

Prot. n. AG 194-4/89

ROMA, 3 de outubro de 1989

Revd? Pe. EDÊNIO VALLE SVD

Presidente da CRB

Refiro-me à sua carta de 15 de agosto p/p., relativa à celebração da XV Assembléla Geral Ordinária da Conferência dos Religiosos do Brasil, na qual V. Revma, expressa de modo particular sua gratidão ao Santo Padre pela paternal Mensagem enderecada à mesma Assembléia e a todos os Religiosos do Brasil.

Na mesma carta, além disso, solicita que me faça intérprete junto ao Santo Padre, dos sentimentos de fidelidade da nova Diretoria da CRB e de filial adesão às Suas diretivas, implorando ao mesmo tempo, a paterna Bênção Apostólica sobre a Vida Religiosa do Brasil e sobre toda a Igreja Latinoamericana.

O Santo Padre, através do Secretário de Estado, Cardeal Agostino Casa- foram levadas ao conhecimento do

roli, dignou-se benignamente responder, concedendo a solicitada Bênção Apostólica, conforme cópia de carta em anexo.

Formulando os melhores votos para seu novo cargo dentro da CRB, a servico da vida consagrada, asseguro-lhe minha sincera estima que de coração the ofereco.

> Cardeal Hamer Presidente Dom Vincenzo Fagiolo Secretário

2) - SECRETARIA DE ESTADO

N. 247.087/G.N.

Cidade do VATICANO, 18 de setembro de 1989

Sr. Cardeal

Pela Folha timbrada N. AG. 194-4/89, de 5 de setembro corrente, V. Emcla. comunicou que o Revdo Pe. Edênio Valle SVD, Presidente da CRB, enderecou a esse Dicastério uma carta na qual expressa o reconhecimento pela Mensagem que Sua Santidade enviou à XV Assembléia Geral que a mesma Conferência realizou em julho p/p.

Apresso-me em dizer a V. Emcia. Revma, que as informações fornecidas Santo Padre que, de bom grado, concede ao mencionado Pe. Valle SVD e à nova Diretoria da CRB, a solicitada Bênção Apostólica, penhor de abundantes graças do céu.

Honra-me fazer uso da oportunidade para confirmar-lhe meus sentimentos de distinta consideração.

De V. Emcia. Revma., devotíssimo no Senhor.

Cardeal Agostino Casaroli Secretário de Estado

3) — CONGREGAÇÃO PARA OS INS-TITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA.

Prot. n. AG 194-4/89.

ROMA, 2 de outubro de 1989

Revdo Pe. EDÊNIO VALLE SVD

Presidente da CRB

Desejo, antes de tudo, agradecer-lhe pelo amplo relato que me enviou, a respeito do início de suas atividades dentro da CRB, e ao mesmo tempo, lhe peço excusas por não lhe ter respondido antes, uma vez que só retornel à sede há poucos dias.

Segui com vivo interesse o desenrolar da Assembléia em São Paulo, participando dos programas e propostas de trabalho para o novo mandato, como pude perceber também pelo "relatório" da mesma Assembléia, que a seguir me foi enviado.

Apreciei de modo particular, o desejo presente em todos, de fiel adesão às orientações do Santo Padre e da Igreja no Brasil. Tal disposição constitul, sem dúvida, uma segura garantia de nova vitalidade para a Vida Religiosa na América Latina que se prepara para celebrar o V Centenário da primeira evangelização do Continente, com novo empenho e com profundo espírito pastoral.

Ao mesmo tempo em que desejo expressar minha viva congratulação a toda a CRB por seu constante trabalho de promoção da vida consagrada, sobretudo no setor da formação, valhome de bom grado da oportunidade para firmar-me, com sentimentos de sincera estima,

devotíssimo,

Dom Vincenzo Fagiolo Secretário

CARTA DA JUNTA DIRETIVA DA CLAR À SUA EMCIA. O CARD. HAMER

 A JUNTA DIRETIVA EXTRAORDI-NÁRIA DA CLAR reunida em QUITO, à S. Emcia. JEROME CARDEAL HAMER, Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica.

QUITO, 9 de setembro de 1989

Ref.: 000537

Nós, membros da Junta Diretiva Extraordinária da CLAR, saudamos com afeto a V. Emcia. e a vós nos dirigimos animados por um espírito eclesiai de diálogo sincero e fraterno, que ajude a superar, na caridade, os problemas que possam surgir dentro da família de Deus, que é a Igreja (GS 92).

Rezamos, refletimos e discernimos sobre dois fatos que criaram tensões dolorosas entre nós, e que, dentro de uma atitude de respeito e de confiança, estão pedindo um intercâmbio evangélico de informação e de pontos de vista. Nós nos referimos às nomeações de Pe. Jorge Jiménez, Eudista, como Secretário Geral da CLAR, e da Irmã Manuelita Charria OP, como Secretária Adjunta, e também à situação em que se encontra o Plano Palavra-Vida.

Essa carta vai firmada por todos nós, como expressão colegiada da Junta Diretiva Extraordinária, com apoio incondicional à nossa Presidência e com a certeza de que contará com sua benévola acolhida.

PRIMEIRA PARTE: os problemas e suas causas

Emmº Sr. Cardeal, face às nomeações mencionadas e ao Plano Palavra-Vida, reafirmamos uma vez mais nossa vontade de obediência, que de forma alguma é afetada pelo processo que estamos vivendo. Contudo, por fidelidade eclesial e por obrigação de consciência, nos sentimos no dever de expressar a nossos legítimos Superiores o resultado do discernimento espiritual desses dias, para assumirmos com responsabilidade evangélica a vontade do Senhor.

Tanto individual quanto colegialmente fizemos a experiência de que os dois fatos mencionados, motivo do citado discernimento, são expressões de um mesmo conflito, cujas causas ainda não foram explicitadas e que, de alguma forma estão na origem de todas as dificuldades da CLAR, em sua longa história.

A Vida Religiosa na América Latina, obediente ao Concílio Vaticano II, fiel a seu carisma e às opções de nossa Hierarquia em Medellín e Puebla, se comprometeu cada vez mais na opção preferencial pelos pobres, não como opção conjuntural, mas como exigência do seguimento radical ao Senhor Jesus.

Esta opção preferencial uniu profundamente o CELAM e a CLAR até 1972. A partir desse ano as coisas mudaram. A linha pastoral de Medelín, reafirmada em Puebla, foi objeto de desconfianças e incompreensões que afetaram tanto a Pastores que trataram de pôr em prática suas orientações, quanto à CLAR que quis manter-se fiel a este acontecimento eclesial. Cremos que aqui radica a origem do conflito que nesse momento a CLAR vive.

Com efeito, alguns Pastores temem o surgimento de uma Igreja paralela; algumas religiosas e religiosos, por sua vez, temem perder o sentido de sua vocação, se assumirem a opção pelos pobres; e os setores dominantes da sociedade olham com suspeição as religiosas e religiosos que buscam um compromisso maior com os pobres, porque se sentem questionados ou traídos por esta opção mais radical.

Cremos, pelo contrário, que a opção pelos pobres é a única maneira de reencontrarmos nosso carisma, de dar identidade a nossa vida consagrada na única Igreja de Jesus Cristo e de ser com ela sacramento do Senhor da História.

Nossa ação pastoral, longe de desvalorizar o trabalho dos Pastores próximos ao povo, fortifica-o e o potencia; por isso neles encontramos o acompanhamento, o conselho e a ajuda para vivermos plenamente nossa consagração a serviço dos privilegiados do Reino. Comprovamos também que os Superiores e os Capítulos Gerais, apoiados em nossas Constituições renovadas, não se sentem alarmados nem temerosos quanto à fidelidade a nossa vocação, antes expressam o desejo de que se viva a Vida Religiosa em outros Continentes, com a mesma radicalidade com que a vivemos no nosso. Contudo, não podemos ocultar nossa dor ao sentir-nos órfãos quando acorremos a quem devia oferecer-nos acompanhamento, alento caridoso e fraterna correção, e não encontramos aquilo que, como filhos de um mesmo Pai, quiséramos achar.

Não queremos afirmar que o caminho esteve isento de falhas e defeltos. Vivemos em situações que requerem permanente conversão. Muitas vezes nos corrigimos: no entanto, alguns de nossos Pastores continuam invocando fatos passados, isolados e generalizados, parecendo negar nosso sincero desejo de fidelidade. Até mesmo os testemunhos, os fatos, bem como o crescente número de vocações são lidos com temor e suspeição e não com a alegria e a gratidão com que quiséramos fazê-lo por considerarmos tudo isso como expressão de um dos melhores momentos que, religiosas e religiosos, vívemos na América Latina,

Nessas tensões, Emmo Sr. Cardeal, rogamos ao Espírito doador da luz, a claridade para descobrirmos os caminhos de Deus e assumirmos com obediência ativa e responsável as determinações que emanarem de nossos Pastores e deste Dicastério.

SEGUNDA PARTE:

Nosso desejo é de sermos sinceros e expormos alguns pontos com toda a liberdade de filhos de Deus.

- Percebemos nas relações entre CLAR, CELAM e esta Congregação uma falta de clareza na linguagem que, se não for remediada, dificultará mais ainda a solução do conflito.
- a) Foi dito que as nomeações dos Secretários são uma preocupação em favor do bom andamento da CLAR; no entanto, na realidade, esta decisão significa para nós, uma intervenção que nos faz pensar que algo de grave está acontecendo em nosso organismo.
- b) Afirmou-se que o Plano Palavra-Vida deve continuar. Assim se manifestaram membros deste Dicastério o que se pode comprovar no Comunicado CELAM-CLAR de 25 de abril deste ano; mas os obstáculos são de tal natureza que se torna impossível levá-lo adiante.
- c) Foi dito que a CLAR conta com a confiança desta Congregação, mas os sinais de confiança e credibilidade favorecem antes a quem desconfia da CLAR.
- d) As comunicações desse Dicastério nos surpreendem porque parecem esquecer os diálogos previamente mantidos.
- Emmº Sr. Cardeal, não sabemos de que somos acusados. Não teria sido mais fraterno explicar-nos tudo isso?
- Parece que, para esta Congregação, as religiosas e religiosos só são

valorizados enquanto agentes pastorais e não pelo carisma específico que o Espírito Santo suscitou na Igreja mediante nossa vocação e missão.

4. Por fim, rechaçamos redondamente a imputação de fomentarmos uma "Igreja Popular". Pelo contrário, em sintonia com a Hierarquia da América Latina que se pronunciou em Medellín e Puebla, reafirmamos que queremos caminhar para uma "Igreja dos pobres", segundo a formosa expressão de João XXIII: e a partir deles, como Jesus, evangelizar a todos sem distinção (Puebla 11).

TERCEIRA PARTE: o fato das nomeações

Emmº Sr. Cardeal, queremos afirmar sinceramente que recebemos as nomeações feltas por este Dicastério, como uma real intervenção na CLAR. Não foram levados em conta os Estatutos e se passou por cima de quem devia tomar as decisões correspondentes.

Não duvidamos de que essa Congregação tenha motivos para efetuar essas nomeações, mas não os conhecemos. Simplesmente fol-nos dito que eram uma manifestação de carinho. A relação entre o fato e a razão aduzida é desconcertante e desproporcional, por isso consideramos essas nomeações como um gesto de desconfiança em relação à CLAR e à Vida Religiosa na América Latina.

Causam surpresa nomeações que ignoram os Estatutos. Nas oportunidades em que solicitamos modificações "ad vicem" dos mesmos, para agilizar certos procedimentos, esse Dicastério respondeu que era impossível, pois tal pedido não se ajustava aos Estatutos.

Não queremos insistir nas pressões feitas sobre a Presidência para que aceitasse essas nomeações sem consultas.

Parece-nos que o fato de não se aceitar uma religiosa como Secretária Geral é desconhecer a capacidade da Vida Religiosa feminina, é ignorar a presenca majoritária da mulher na loreja Latino-americana e sua entrega generosa ao serviço do Senhor e de nossos irmãos: é também ofender à mulher consagrada, crendo-a incapaz de ocupar postos de responsabilidade. Por outro lado, o adequado funcionamento de uma Secretaria Geral não depende tanto de uma boa formação teológica uma vez que a Presidência e a Equipe de Teólogos cumprem esta função.

A imposição dos Secretários poderia trazer à Vida Religiosa latino-americana alguns graves inconvenientes que, em atitude evangélica, assinalamos:

- 1. As mútuas relações entre Hierarquia e Vida Religiosa são feridas precisamente quando acabamos de comemorar os dez anos da publicação do Documento a respeito das mesmas.
- 2. A Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica perderia credibilidade para muitas religiosas e religiosos pois, com estas atitudes, nela não se verá uma instância de acolhida e compreensão.
- 3. A autonomia da CLAR, outorgada pela Santa Sé com o Decreto de ereção de 2/3/1959 e com o Decreto

de aprovação de seus Estatutos de 8/12/1984, não é respeitada. Além disso, não cremos que um organismo possa agir com efloácia quando sofreu intervenções dessa maneira, uma vez que tal fato cria insegurança e desconfiança.

QUARTA PARTE: Plano Palavra-Vida

Emmo Sr. Cardeal, um dos maiores sofrimentos que, religiosos e religiosas da América Latina, experimentamos nesses últimos tempos, foi o fato de que alguns Episcopados, o CELAM. esse Dicastério e a Congregação para a Doutrina da Fé, antes de fazer-nos chegar suas observações e fazerem uso da correção fraterna e doutrinal, fizeram afirmações públicas tais contra o Palava-Vida que resultaram Projeto ofensivas à fé e ao compromisso cristão dos Biblistas e Pastoralistas que elaboraram o citado Projeto. Por amor à Igreia, a CLAR não publicou uma só palavra, nem se defendeu das acusações, antes buscou o caminho do diálogo; mas este não pode se concretizar,

Sofremos na própria carne as gravíssimas acusações que foram lançadas contra o Plano. A forma como expressões foram tiradas fora do contexto serviu para desprestigiar a pessoas de alta qualificação moral e intelectual. As acusações são ofensivas a seus autores, às Conferências de Religiosas e Religiosos que implementaram o Plano, e à CLAR que o impulsionou.

Queremos relembrar, Emmo Sr. Cardeal, que em Bogotá foram firmados acordos entre a CLAR e o CELAM, sob a mediação desta Congregação, aceitos por nós. Esses acordos de 25 de abril de 1989 assim dizem:

- Suspender a difusão do folheto correspondente ao primeiro ano.
- Reelaborar um guia introdutório a todo o Projeto, de acordo com as observações que nos foram feitas.
- Elaborar os correspondentes subsídios, em entendimento e cooperação com o CELAM.

Com relação a isso, já concluimos a reelaboração do guia introdutório a todo o Projeto do folheto do segundo ano, mas precisamos urgentemente de uma entervista com a Presidência do CELAM para conseguirmos o mútuo entendimento. No entanto, estamos perplexos face a várias ordens e contra-ordens de parte deste Dicastério em relação a este compromisso.

Como Junta Diretiva decidimos continuar com o agora chamado Plano Palavra-Vida, de acordo com o que foi firmado em Bogotá. Cremos que o Plano é nossa contribuição específica para o V Centenário de Evangelização da América Latina.

O Plano é a maneira prática de fazer o "Lectio Divina" a partir da América Latina; com ele se dinamiza a renovação da vida e missão de nossas religiosas e religiosos, encarnados neste Continente de sofrimento e de esperança. Por isto, solicitamos, Emmº Sr. Cardeal, que interponha seus bons officios ante o CELAM e ante o Emmº Sr. Cardeal Revollo a fim de obtermos o

entendimento acordado e o imprimatur correspondente.

Emmº Sr. Cardeal, lamentamos que esses problemas sejam causa de sofrimento para todos. Contudo, sentimos em consciência o dever de externá-los, como um serviço à Igreja e à Vida Religiosa da América Latina.

Saudamos a V. Emcia. com afeto no Coração de Jesus.

Assinam:

Membros da Junta Diretiva da CLAR

 CARTA DO CARDEAL HAMER AOS MEMBROS DA JUNTA DIRETIVA DA CLAR, (endereçada individualmente a cada um).

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITU-TOS DE VIDA CONSAGRADA E SOCIE-DADES DE VIDA APOSTÓLICA.

Prót. n. AG 3-5/89

ROMA, 29 de setembro de 1989

Revdo Pe. EDÊNIO VALLE SVD

Presidente da CRB

Foi recebido nesta Congregação para o Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica o longo comunicado elaborado pelos membros da Junta Diretiva Extraordinária da CLAR, celebrada em QUITO aos 9 do corrente mês, sobre alguns problemas, especialmente sobre o Projeto (agora Plano) "Palavra-Vida" e a respeito da nomeação do Secretário Geral da CLAR.

Estudamos com verdadeiro interesse, mas lamentamos não podermos entrar no exame de cada uma das questões que mereceriam uma prolongada reflexão. Muitas delas foram esclarecidas no encontro que este Dicastério celebrou, no dia 12 do corrente mês, com a Presidência da CLAR.

Queremos agradecer-lhes, em primeiro lugar, esse espírito de fidelidade
eclesial e de obediência que querem
demonstrar nesse diálogo e discernimento sobre os problemas analisados.
Com essa mesma atitude de confiança
e de profundo apreço à Vida Religiosa
latino-americana, na qual a Igreja depositou sua esperança, temos que dizer-lhes quanto segue:

- Que esta Congregação valoriza, apóia e agradece vivamente a presença evangélica, o testemunho e o abnegado trabalho pastoral das religiosas e religiosos em favor dos pobres e marginalizados. Não há dúvida de que a opção preferencial pelos pobres deve constituir uma das preocupações mais fortes e urgentes da Vida Religiosa na América Latina.
- 2) Que o juízo doutrinal comunicado pela Congregação para a Doutrina da Fé não contradiz os acordos firmados em Bogotá entre o CELAM e a CLAR, a 25 de abril passado, mas que, sendo o Dicastério competente para "promover e tutelar a doutrina da fé", devia dar a conhecer a todos os interessados no Projeto "Palavra-Vida" os defeitos graves que a citada publicação continha. Esse juízo não prejulga futuras publicações nem as impede. E esta Congregação continuará apoiando e ajudando nos próximos anos.

- 3) Sobre a intervenção deste Dicastério na nomeação dos Secretários Gerais da CLAR devemos ter presente que os motivos que obrigaram a tomar esta medida excepcional foram não por desconfianças ou receios para com a CLAR ou seus representantes, mas unicamente pelos seguintes:
 - a) Outorgar uma maior qualificação doutrinal e teológica ao Secretário Geral.
 - b) Buscar a melhoria das relações mútuas do Secretariado Geral (e portanto da CLAR) com a Hierarquia, especialmente para manter mais freqüentes e frutuosos contatos com o CELAM, com as diferentes Conferências Episcopais e com os Bispos em particular.
 - c) A exigência de se afrontarem mais adequadamente os atuais problemas da CLAR, como o do "Palavra-Vida", e preparar convenientemente a celebração do V Centenário da primeira evangelização da América Latina.

Como se dizia ao Presidente da CLAR, em carta de 18 de julho passado, esta medida excepcional é uma demonstração de interesse, apreço e solicitude com que este Dicastério acompanha a pujante e dinâmica Vida Religiosa latino-americana, e do acompanhamento que é feito pela CLAR.

Com a esperança de que tudo já esteja solucionado e que possamos trabalhar todos unidos a favor de uma Vida Religiosa mais comprometida com o querido povo latino-americano, saúdao cordialmente.

devotissimo no Senhor,

Jean Jerone Cardeal Hamer Prefeito

Dom Vincenzo Fagiolo Secretário

3) CARTA DA PRESIDÊNCIA DA CLAR AOS PRESIDENTES E PRE-SIDENTAS DAS CONFERÊNCIAS NACIONAIS DA VIDA RELIGIOSA NA AMÉRICA LATINA.

BOGOTÁ, 12 de outubro de 1989

Ref. 00410

Paz e alegria no Senhor!

Peço desculpas por incomodá-los com tanta correspondência, mas compreenderão que as circunstâncias o exigem.

Primeiramente, desejo comunicar-lhes que no dia de ontem, 11 de outubro, tomaram posse nos respectivos cargos:

- o Pe. Jorge Jiménez, Eudista, como Secretário Geral da Confederação Latino-americana de Religiosas e Religiosos;
- a Irmã Manuelita Charria OP, como Secretária Geral Adjunta da mesma CLAR.

Informo igualmente que durante estes dias chegaram até mim várias renúncias de colaboradoras e colaboradores da CLAR, em distintas áreas.

Quero agora referir-me à renúncia da Equipe de Biblistas e Pastoralistas. Em agosto passado haviam eles oferecido sua renúncia à Presidência da CLAR. Essa proposta foi analisada durante a Junta Diretiva Extraordinária ao final do mesmo mês. Como resultado desse discernimento, a Junta preferiu continuar com a Equipe e tentar uma vez mais seguir o acordo CELAM-CLAR de 25 de abril deste ano.

Quando de nossa visita aos Dicastérios da Vida Religiosa e da Doutrina da Fé, nos dias 12 e 16 de setembro, a Irmã Corália, o Irmão Nerv e eu mesmo consideramos que já não era mais possível continuar com o Projeto Palavra-Vida, por diferentes e graves dificuldades que havíamos comprovado. Mas a razão mais forte foi a de que a CLAR não podia pôr em risco a boa fama das pessoas da Equipe de Biblistas e Pastoralistas, pessoas que trabalham pacificamente pelo Reino em suas respectivas regiões. Ao tomar finalmente conhecimento da renúncia formal de toda esta Equipe, declaro oficialmente que a CLAR se desvincula de forma definitiva do Projeto Palavra-Vida e de sua vinculação com a Equipe de Biblistas e Pastoralistas. Não podemos deixar de agradecer a generosa e valiosa colaboração que esta mesma Equipe prestou com humildade a toda a Vida Religiosa da América Latina.

Rogamos ao Senhor que plenifique de consolo e fortaleza a estas irmãs e irmãos que multo sofreram nesses meses.

Seguramente virão tempos melhores para todos.

Frei Luis Coscia, OFM Cap. Presidente

 Com a aprovação da Irmã Corália
 Quiroz OP, 1ª Vice-Presidenta, de Irmão Israel Nery FSC, 2º Vice-Presidente.

ATA DA REUNIÃO CONJUNTA DA PRESIDÊNCIA DA CNBB COM A DIRETORIA NACIONAL DA CRB

Na sede da CNBB, em Brasília, DF, às 8hs30 de 27 de outubro de 1989. foram abertos os trabalhos da presente Reunião Conjunta entre Presidência da CNBB e Diretoria Nacional da CRB. Pela CNBB participaram Dom Luciano Mendes de Almeida SJ. Presidente. Dom Paulo Ponte, Vice-Presidente, Dom Antônio Celso de Queiroz, Secretário Geral, e Dom Aloísio Sinésio Bohn, Dom Vicente Joaquim Zico CM, membros da CEP, Pe. Cristóbal Álvarez SJ e Pe. José Arlindo de Nadai, Sub-Secretários, Pe. Maurilio Maritano, PIME, do CENFI, Pe. João Panazzolo, das PPOOMM, Irmã Maria Sônia Muller, da Linha 2 da CNBB, Pela CRB fizeram-se presentes: Pe. João Edênio Reis Valle SVD, Presidente, os Diretores Pe. Isidro Augusto Perin MS, Pe. Décio Zandonade SDB. Irmã Helena Calderaro SMIC, Pe. Cláudio Trudelle RSV, Irmã Maria de Lurdes Gascho CF. Irmão Antonio Carlos Machado Ramalho de Azevedo FMS, e Irmã Maria do Carmo Costa PGap, e os Assessores Nacionais Pe. Atico Fassini MS, Irmā Elza Ribeiro PGap, Irmã Maria das Graças Noronha Lima IMC, Irmã Nair Aives Cardoso MNSD, Pe. Patrick Leonard CSSP, Pe. Augusto José Canali CP e Irmã Daniela Vasconcelos JBP. Após a oração inicial e a acolhida por parte de Dom Luciano, e de palavras de agradecimento de Pe. Edênio, os DIretores da CRB, eleitos na XV Assembléia Geral, em 24 a 28 julho último,

fizeram sua apresentação. A seguir, Pe. Edênio situou a pauta de trabalho da presente reunião, introduzindo o primeiro item a ser abordado: 1) Dimensão missionária: mútua colaboração entre CNBB e CRB: Dom iZco descreve o campo de ação missionária da Linha 2 da CNBB, pela qual é responsável, bem como a ação do CENFI, COMINA, COMIRES, SCAL e PPOOMM, Fala da hora missionária da Igreia no Brasil. na perspectiva do programa de Igrejas-Irmãs e das missões "ad gentes", referindo-se ao Documentos nº 40 da CNBB. Pe. Panazzolo e Irmã Maria Sônia completam a descrição. A organizacão e animação da ação missionária é a principal tarefa dessa área da CNBB, em nível nacional e regional. A formação missionária é uma grande preocupação enfrentada lá há treze anos pelos Institutos Missionários em colaboração com a CNBB. Promovemse cursos a nível regional, com o apolo da CRB uma vez que a larga maioria dos participantes dos mesmos são Religiosos e Religiosas. Há o desejo de que essa formação missionária faça parte mais fortemente da formação inicial em todas as Congregações Religiosas e Seminários Diocesanos. E há um esforço no sentido da melhor organização de um serviço de reflexão missionária para o que se deseja a colaboração da Equipe de Reflexão Teológica da CRB. O programa Igrejas-Irmãs é tratado com carinho e deve ser incentivado, contando com a mútua colaboração entre CNBB e CRB. As situações missionárias internas (índios, negros, assentamentos de Sem-Terra. etc.) estão muito presentes nas preocupações. A missão "ad gentes" da Igreja no Brasil é pequena ainda e se apresenta como um grande desafio. Para essa missão estão partindo anualmente, em média, trinta missionários, na sua majoria Religiosas e Religiosos, entre eles alguns Leigos. Hoje há um total de mais de 800 missionários brasileiros no exterior. Esse empenho missionário é fundamental para ativar a própria vida cristã interna de nossas Igrejas Locais, Faz-se anualmente a Campanha Missionária, no Mês das Missões, mas precisa ser mais dinamizada por todas forças eclesiais. Há um Centro Cultural Missionário, o Boletim SIM, as PPOOMM, o Curso de Pós-Graduação em Missiologia e para o ano, iniciará um Curso de Missiologia junto Faculdade de Teologia N. Sra. da Assunção em São Paulo. Tudo isso é importante, mas está fazendo falta um organismo central da atividade missionária, particularmente na dimensão da missão "ad gentes". A tudo Isso, Pe, Edênio, lembrando o empenho missionário de inúmeras Congregações Religiosas, acrescenta o que a CRB faz neste setor, particularmente no tocante à reflexão teológico-missionária veiculada em CONVERGÊNCIA. Lembra ainda que nas Assembléias Gerais da CRB, em julho de 1986 e em julho de 1989, se estabeleceu a dimensão missionária como um item da Prioridade da CRB. Assinala o grande desejo, por parte da CRB, de um entrosamento maior e mais eficaz com a CNBB e os diferentes organismos de caráter missionário, em vista da Missão. Pe. Atico aduz as diferentes áreas práticas em que essa mútua colaboração pode ser imediatamente potenciada. Pe. Isidro assinala que o novo é a presenca missionária de Presbíteros Diocesanos e de Leigos, sublinhando que a atuação de Leigos e particularmente

de Religiosas em situações missionárias internas ao país deve ser melhor organizada e apoiada, Pe. Leonard lembra a necessidade de se pensar na organização de uma associação de Pres-Diocesanos servico biteros a da Missão. Pe. Décio, por sua vez, sugere a criação de um órgão central que faca as vezes de procuradoria missionária para a coleta e distribuição organizada dos recursos financeiros captados para fins missionários, pela Igreja no Brasil. Pe. Cláudio se refere às muitas experiências missionárias sem articulação entre si, o que leva a se perderem muitas energias eclesiais. Como a CNBB e a CRB poderiam melhor se articular nesse campo? Talvez seja útil pensar na organização de uma Equipe liberada para coordenar toda essa área, formada por um Bispo, um Presbítero, um Religioso ou Religiosa e Leigos. Irmã Maria Sônia reforça a urgência da soma de forças, o que também exige comunhão e participação nos recursos financeiros. Acentua que o povo, quando despertado para isso, colabora generosamente. A questão da formação, acompanhamento e reciclagem dos missionários, é fundamental e urgente. Dom Sinésio lembra que somos uma só Igreja que é toda missionária, o que exige sempre mais comunhão e participação. E afirma que a Igreja no Rio Grande do Sul se dispõe a enviar Equipes Missionárias "Ad gentes" e para o programa Igrejas-Irmãs, de forma a envolver todas as Igrejas Locais gaúchas bem como as Congregações Religiosas e Leigos nesse empenho missionário. Mas é imprescindível uma coordenação central para maior integração de forças eclesiais. Face a todas essas considerações. Dom Luciano assinala a importância dessa reflexão nesta presente reunião, e a necessidade de se reforçar o setor missionário da CNBB, invocando tanto, o exemplo da Conferência Episcopal Italiana. Sugere que a CRB potencie o setor missionário. Acentua a necessidade da articulação da comunicação com e entre os missionários, a importância da mútua colaboração entre CNBB e CRB a nível regional, e a importância de um Visitador e animador de missionários brasileiros, enviado pela e em nome da Igreja no Brasil. Dom Zico sublinha o valor pedagógico, para a fé do povo, da cerimônia no "Envio" feita na Igreja Local de onde parte o missionário e não só na CNBB. Pe. Maurílio explana o trabalho do CENFI e apresenta alguns dados estatísticos relativos a esse curso. Pede à CNBB e à CRB que aiudem os cursistas a superarem dificuldades que trazem em relação à Igreja no Brasil. Pede que se constitua uma equipe de assessores para colaborar no processo de inculturação dos missionários que vêm ao Brasil. Pe. Isidro lembra que, neste sentido, os religiosos que já vieram e se sentem inculturados, poderiam prestar auxílio. A Isso Pe. Edênio acrescenta que esses missionários, ao voltarem para sua terra natal, trabalhem para a formação de novas levas de missionários, o que facilitaria a eliminação dos preconceitos e dificuldades atualmente observados. 2) Comunicados da CNBB à CRB: a) Sínodo dos Bispos em 1990 sobre a formação ao Presbiterado: Dom Luciano apresenta uma rápida visão do andamento dos trabalhos de preparação deste evento; b) CELAM: Dom Paulo descreve o que foi a recente reunião de Bispos do

CONE SUL, em Brasília, em vista da preparação da IV Conferência do Episcopado Latino-Americano, em Santo Domingo, em 1992, sobre o tema "Uma Nova Evangelização para uma nova cultura". 3) Comunicados da CRB à CNBB: a) Reunião das Diretorias de Conferências de Religiosos do CONE SUL, de 3 a 7 de outubro de 1989, em Santiago do Chile. Pe. Cláudio se refere a esse encontro, fazendo uma síntese do que foi: b) Formação bíblica dos Religiosos e Religiosas: Pe. Edênio assinala que, na XV Assembléia Geral da CRB, em julho de 1989, se afirmou a necessidade da formação bíblica a nível da Vida Religiosa. A CRB sente que é de seu dever desenvolver um trabalho nessa linha. Há porém, o receio de incompreensões dado o recente episódio do Plano PALAVRA-VIDA. Pensa-se e muito em como fazer da Bíblia a fonte de vida para a Vida Religiosa, sem traumas a nível eclesial. Dom Luciano afirma que o dinamismo da Vida Religiosa exige que se faca caminho nessa direção, mas com discernimento, levandose em conta o contexto eclesial, pedindo compreensão para as situações de conflito e sofrimento vividas. Pergunta o que se poderia fazer para evidenciar valores e ajudar pessoas no episódio PALAVRA-VIDA, Pe. Edênio, face a essas considerações, crê que se deva virar a página e ir em frente, com um trabalho bíblico adequado às necessidades e circunstâncias. Quanto ao PALAVRA-VIDA, leva ao conhecimento dos presentes a recente decisão da Presidência da CLAR renunciando definitivamente à continuidade do Plano. Mas as Conferências Nacionais de Religiosos são incentivadas a levá-lo à frente. O acordo de Bogotá, bem como uma carta do Cardeal HAMER. CRIS, deixam o caminho aberto para a continuação desta iniciativa de formação bíblica dos Religiosos, E Pe. Edênio acrescenta que o grupo de Biblistas brasileiros, que colaboraram no Plano, se dispõe a continuar colaborando com a CRB nessa perspectiva. Diz que a parte introdutória do Plano foi refelta, segundo o previsto no acordo de Bogotá, e que, o que seria o segundo livro, está pronto, de conformidade também com o mesmo acordo. Mas falta o "imprimatur" para sua publicação. Pensa procurar um Bispo que se disponha a dá-lo. Mas pergunta se este é o melhor caminho. A isso Dom Luciano responde apresentando três distintas sugestões: a primeira, seria a de apresentar o texto à Comissão Episcopal de Doutrina da CNBB para uma análise prévia ao devido "imprimatur", e sua publicação, a seguir, pela CRB; a segunda, seria a de se fazer uma edição conjunta do texto, após se consultar a Comissão de Doutrina, entre CNBB e CRB; e a terceira, é a de que se passe a elaborar um novo texto. mais amplo, tendo-se em vista não só a Vida Religiosa e sim toda a Igreja no Brasil, num esforco de evangelizacão por ocasião da celebração do V Centenário da Evangelização. As sugestões foram bem acolhidas pelos presentes. Pe. Edênio agradece e afirma que estudará o assunto com a Dida CRB. Agradece também retoria esse espaço de diálogo e tudo que a Presidência da CNBB fez pela Vida Religiosa ocasião por do episódio PALAVRA-VIDA. Irmã Lurdes comunica a todos o episódio do incêndio criminoso de que foi vítima uma Comunidade de sua Congregação, em Ariquemes, Rondônia, no dia 4 de outubro corrente. Pe. Edênio solicita a Dom Luciano que envie um telegrama de apolo a essa Comunidade e outro, de denúncia, ao Secretário de Segurança do Estado de Rondônia. Dom Paulo retribui os agradecimentos, após o que Dom Luciano encerra a reunião, com uma oração. BRASILIA, 27 de outubro de 1989. Pe. Atico Fassini MS, Secretário ad hoc.

Pe. Atico Fassini, MS Secretário "ad hoc"

JUVENTUDE DA VIDA RELIGIOSA EM PROCESSO DE FORMAÇÃO PARA A MISSÃO

Este foi o tema central do 1º Seminário da Juventude da Vida Religiosa do RS, que aconteceu nos dias 7, 8 e 9/10 de 1989, na Vila Santa ISABEL, Viamão. Estiveram presentes 180 religiosos jovens, de 44 Congregações, e 3 assessores que nos ajudaram a refletir, questionar e buscar novos caminhos.

O pedido de Jesus: "Jovem, levantate e vai..." foi, desde o início de
nossa caminhada, o apelo norteador
que levou ao seguinte objetivo geral do
Seminário: "Despertar a força jovem da
VR, buscando uma participação consciente e corresponsável no processo de
formação, frente às opções da Igreja,
na abertura ao novo, na releitura do
Carisma e na busca de uma VR sempre
mais solidária e Profética com os oprimidos, sinal do Reino".

A partir do objetivo geral formularamse os objetivos específicos: "Reavivar a consciência da missão na formação; Avaliar a participação dos jovens religiosos no seu processo de formação; Celebrar a vida e a caminhada da Juventude da Vida Religiosa em processo de formação; Buscar novos caminhos, propostas, passos e pistas de ação para a Vida Religiosa hoje; Rever nossa atuação frente à opção da Igreja pelos pobres e jovens; Conhecer para assumir melhor a proposta da Nova Evangelização".

Queremos compartilhar com todos os desafios e esperanças deste nosso 19 Seminário.

1º dia — VR, sementes do passado, fermento do novo. Primeiramente, iniciando este dia, procuramos trazer presente a história da Vida Religiosa. O Frei Luis Carlos Susin nos ajudou nesta tarefa. Optando pela chave profética, procurou fazer uma leitura da VR no sentido de descobrir o elemento profético em cada período, como também o novo, que é o eixo da VR. O profetismo é sempre a crítica do presente em vista do futuro. Ele desafia a Igreja e a VR, pois exige que ambos se arrisquem na direção do novo.

Com esta chave de leitura, ele caracterizou os três grandes ciclos da VR: Ciclo monacal, ciclo das fraternidades apostólicas itinerantes e ciclo das Congregações apostólicas. No último ciclo ressaltou o Concílio Vaticano II, definindo a VR como sendo a vanguarda na Igreja, causando um certo receio à hierarquia.

Hoje, na América Latina, a VR está buscando seu rosto próprio, com características próprias, identificando-se com os empobrecidos, assumindo sua identidade dentro da Igreja. Outro desatio são as diferenças de gerações, onde a nova geração significa um novo sujeito da história, não cópia do passado, mas sendo agente de transformação dentro da própria VR. Como desatio também para a VR hoje são as obras que há muito tempo foram o auto-sustento que hoje está sendo questionado pois não estamos atendendo os pobres que são a maioria da América Latina.

Para maior enriquecimento e análise da VR ontem e hoje, 3 Congregações partilharam suas experiências de formação para a missão, dentro deste mesmo aspecto que abordamos.

Durante a apresentação das experiências pudemos perceber alguns avanços: Formação acontecendo na e para a missão; participação consciente e coresponsável dos jovens no processo de formação; Vida Religiosa mais profética e solidária com os pobres; a instituição vista a partir da missão se torna a face nova do ser religioso no mundo de hoje.

Não podemos deixar de salientar, no término deste dia, o Envio para as famílias e comunidades (CEBs), onde, no concreto, os jovens Religiosos iriam perceber e ser questionados frente às angústias e esperanças do pobre.

2º dia — Aprendendo com o povo. Neste segundo dia o ponto mais alto foi a participação nas 12 comunidades das Vilas Santa Isabel e Paraíso, onde o povo expressou como vê os religiosos e o que espera deles. Salientamos os seguintes pontos: — nos vê como seus próprios filhos; que sejamos humildes, povo, morando nas vilas junto a ele,

comprometidos com suas lutas, esclarecendo o papel político do cristão, combatendo assim a miséria e o capitalismo que escraviza o ser humano.

Diante do exposto acima, continuamos a reflexão em grupos e percebemos aspectos novos para nossa formação: Inserção é o novo jeito de viver a Vida Religiosa; Integração afetiva cresce a partir do contato com as famílias; Formação deve partir da realidade do formando.

Um outro ponto importante deste dia foi a projeção e reflexão do vídeo sobre "Análise de conjuntura da Igreja e seus modelos" (Pe. Libânio). Após o vídeo, refletimos sobre estas perguntas: — "Nossa formação segue qual dos modelos? O que existe de novo na caminhada do RS em termos de formação? Que desafios e impasses existem?"

As respostas foram mostrando que a formação tem resquícios dos três modelos (hierárquico, comunitário, Sacramento do Reino de Deus), predominando o comunitário. O novo vem mostrando sua face através do despertar dos jovens Religiosos frente à caminhada da formação (Seminário da Juv. da VR), formação na e para a missão; participação do povo no processo de formação; compromisso com a causa do povo (movim. Populares).

Os desafios e impasses se colocam numa formação mais próxima da realidade do jovem, tendo o formando como sujeito da formação; na estrutura hierárquica; conflito de gerações; instituição X missão; como ser sinal profético; no novo jeito de viver a vida

comunitária; na busca de uma espiritualidade comprometida.

No final do dia, selamos tudo isso com uma recreação feita entre religiosos e as famílias que os acolheram. Este momento mostrou que a dimensão festiva deve ocupar um lugar importante no Ser religioso hoje.

3º dia — "JOVEM, LEVANTA-TE E VAI..." Começamos este dia com uma celebração da caminhada e da vida da JVR. Este foi um momento muito forte do Seminário. O confronto com a Palavra de Deus, através do Profeta Ezequiel, nos fez perceber a ação do Deus libertador e o novo sopro de vida que nos renova na busca conjunta de um novo jeito de ser religioso.

A caminhada com os símbolos das Congregações, a partilha fraterna do Corpo e Sangue de Cristo em 12 pequenos grupos, nos levaram a refletir sobre nossa missão de doarmos a vida pela causa do Reino.

Neste mesmo dia, já caminhando para o final do Seminário, aconteceu um encontro entre os Jovens Religiosos de cada Congregação presente. Deste trabalho resultaram propostas concretas que cada Congregação irá assumir na sua caminhada. Entre elas podemos destacar:

Equipe de reflexão que dê continuidade às propostas deste Seminário; Inserção como pré-requisito para os formadores; ocupar os espaços que temos nas congregações; formação atenta à conjuntura social; coragem de assumir o Novo; continuação do estudo, reflexão e oração do Plano Palavra-Vida; participação na reelaboração do Plano de formação em vista da missão; enquete sobre como o povo vê o agente religioso.

Juntos buscamos também traçar alguns passos em vista da continuação da caminhada, especialmente para 1990. Após um discernimento em pequenos grupos, assumimos estas propostas:

Divulgar o Seminário em meios disponíveis (Anunciar, Convergência, outros...).

Escolher(a) um jovem religioso(a) de cada Congregação ou província e outro de cada núcleo diocesano para articulação com a Equipe de coordenação.

Organizar a JVR nos núcleos diocesanos.

Realizar um encontro diocesano da JVR até outubro de 1990.

Realizar o 2º Seminário Regional da JVR para outubro de 1990, com a participação de um representante de cada núcleo e outro de cada província.

Participar das Equipes de Assessoria da CRB Regional, em vista da colaboração em reflexões e atividades junto aos jovens.

Para finalizar, queremos expressar a nossa alegria e certeza da importância deste Seminário, como também da esperança que nos sustenta, nos conduzindo por novos caminhos e colocando sempre à nossa frente novos desafios. A partilha fraterna, a entreajuda, os diferentes dons do Espírito presentes nas Congregações, a escuta da Palavra de Deus, a coragem e o dinamismo que temos em assumir o

novo seja sempre o nosso baluarte. Juntos queremos ser "luz entre as nacões" e o "fermento na massa".

Valdir A. Formentini, OSFS

ANO MURIALDINO 30 de março de 1990 a 15 de maio de 1991

A Congregação de São José — Josefinos de Murialdo — e as Irmãs Murialdinas de São José celebram um especial Ano Murialdino a partir de 30 de março de 1990 (90 anos da morte de São Leonardo Murialdo) até 15 de mais de 1991 (100 anos da Encíclica Rerum Novarum) da qual Murialdo foi de certa forma precursor e grande divulgador

Leonardo Murialdo nasceu em Turim aos 26 de outubro de 1828 e morreu na mesma cidade no dia 30 de março de 1900. Seria um evento comum e irrelevante como o de milhares de pessoas que nascem e morrem todos os dias. Não foi assim para Murialdo: nasceu para um significado profundo: o de perceber a evolução dos tempos e antecipar a busca de soluções.

Duas coisas o comoveram sobremaneira: o abandono a que eram votados os meninos pobres, os limpadores de chaminés, os órfãos, os jovens, os marginalizados, os operários, diante de uma sociedade industrial emergente e impiedosa como a da Europa e, em particular, da Itália.

A fonte onde Murialdo buscou forças espirituais e grandes intulções fol a descoberta do amor de Deus: um amor misericordioso, terno, pessoal de Deus.

que ama por primeiro, cada pessoa, em cada instante e de modo infinito. Murialdo assume, na própria carne, a experiência deste amor. Daí nasce nele, em resposta a este amor, o grande amor pelo ser humano, pelo menino pobre, pelo filho do operário, pelos mais abandonados. Multiplica suas tarefas em favor destes menores. Para garantir a continuidade de ação, funda a Congregação de São José, na cidade de Turim — Itália — no dia 19 de março de 1873.

O que o Ano Murialdino quer celebrar é justamente isto: vista a semelhança em nossos tempos, com a realidade vivida por Murialdo no que se refere ao abandono dos menores, dos jovens, a exploração no mundo do trabalho, tentar refletir e desencadear múltiplas tarefas na sociedade de hoje, que tragam esperança às multidões de jovens, especialmente em terras e nações mais empobrecidas.

O Ano Murialdino é celebrado por duas Congregações, nascidas, uma diretamente de Murialdo, os Josefinos de Murialdo, e, a outra, as Irmãs Murialdinas de São José, da espiritualidade e carisma de Murialdo, por obra do Pe. Luigi Casaril, um Josefino, no ano de 1953.

Aspectos fundamentais que o Ano Murialdino pretende enfocar: primeiro os aspectos espirituais da figura de Murialdo; segundo: os aspectos da ação de Murialdo em campo social e, sobretudo, na esfera do trabalho; terceiro: os valores próprios do carisma, atendimento aos jovens, aos menores mais abandonados e necessitados de orientação cristã; quarto: sensibilização

espiritual e de ação em vista do centenário da morte de Murialdo; quinto: estudo das encíclicas sociais a partir da Rerum Novarum e sua aplicação na realidade de hoje, na defesa especialmente dos jovens trabalhadores.

Os destinatários não são apenas os Josefinos e as Murialdinas. Serão todos os colaboradores lelgos, os professores, os ex-alunos, associações em geral, as dioceses onde as congregações estão presentes e todos os que se interessarem pelo projeto espiritual-pedagógico e social de Murialdo.

As duas congregações, Josefinos e Murialdinas atuam hoje em paróquias rurais e urbanas de periferia, em escolas, oratórios, seminários, na catequese familiar e paroquial, em jardins de infância, em semi-internatos, na pastoral de juventude e do menor, na pastoral vocacional e na orientação profissional. Atuam também em missões "ad gentes".

Os Josefinos hoje estão presentes na Itália, berço da congregação, na Espanha, na Argentina, no Chile, Equador, Colômbia, Estados Unidos, Guiné-Bissau e Serra Leoa (África) e proximamente no México. No Brasil os Josefinos de Murialdo estão presentes no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Distrito Federal.

As Irmãs Murialdinas têm atividades hoje na Itália, Chile, Equador e Brasil. No Brasil atuam no Rio Grande do Sul e no Paraná.

Através do Ano Murialdino, os membros das duas congregações esperam poder viver em maior profundidade o amor de Deus, e através da família de Nazaré, procurar oferecer aos jovens, aos menores e às famílias, solidariedade, paz, como Deus quer que vivam os seus filhos.

Pe. Angelo Dall'Alba
Josefino de Murialdo

Inevitável companhia

- Bíblia "Meu filho, não desprezes a educação do Senhor. Não te desanimes quando ele te corrige. O Senhor educa a quem ele ama e castiga todo filho que o acolhe. É para vossa educação que sofreis", Hb 12, 5-6.
- Leitor O sofrimento pode levar à salvação. Desde a morte de Jesus, o céu passa pela cruz. Mas o sofrimento perturba, aflige, cansa e amargura. É, no entanto, inevitável companheiro de toda a vida. Tirar, pois, dele o máximo proveito. Sair dele fortificado, purificado. Todavia, sem a fé, este mistério do sofrimento e da dor, física ou moral, não tem explicação suficiente. Antes, restam apenas resíduos de desespero e angústia (Pe. Marcos de Lima, SDB).

CAMPANHA DA FRATERNIDADE/1990

"Homem e mulher: imagem de Deus".

A situação está mudando
na família, na educação, na política, no trabalho.

É incrível que a mulher continue
sob a tutela do homem sem voz nem de consulta.

Inês Broshuis

Por que uma Campanha da Fraternidade sobre a Mulher?

Todos os anos, a Igreja do Brasil faz sua Campanha da Fraternidade, ligada a situações que reclamam justiça e ação transformadora.

Para este ano foi escolhido o tema "Fraternidade e a Mulher".

Ninguém negará que a mulher, em determinadas circunstâncias da vida, sofre grandes discriminações e humilhações. Em certos setores chega a situações berrantes; em outros a situação é mais sutil.

Para quem é a Campanha?

Esta Campanha atinge a todos. Não é só para um determinado grupo. Não é só apontar com o dedo o que os outros fazem de errado. Todos, tanto mulheres como homens, têm de entrar em si mesmo e ter a coragem de deixar-se julgar.

As mulheres não são somente vítimas da opressão masculina. Elas também oprimem, ou aceitam passivamente a sua situação de inferior. Ainda não tomaram a sério a sua própria emancipação, muitas vezes inconscientemente. Preferem a "paz" sem contestação, a "docilidade" sem iniciativa própria. Elas esquecem que o mundo só será melhor quando a mulher puder desenvolver seu papel próprio, equilibrando a atuação, os organismos e as estruturas masculinas.

Todas as mulheres, de todas as idades, profissões e vocações precisam colocar-se diante de si mesmas e da sua atuação e questionar-se até onde elas são vítimas, até onde elas têm que entrar na luta para melhorar a situação, até onde elas mesmas são opressoras.

Também os homens são convidados a participarem da Campanha da Fraternidade. Todos estão envolvidos de um ou de outro modo: na família, na vida pública, no trabalho, na Igreja. Também os padres e bispos, aqueles que "não conhecem" mulher, têm que questionar-se e deixar-se questionar. Estamos ainda longe do ideal que São Paulo mostra: "Todos vós sois um em Cristo".

Os objetivos da Campanha da Fraternidade '90

A Campanha visa:

- Conhecer melhor quem é a mulher, quais suas aspirações, dons e direitos; qual sua condição no mundo atual e, especificamente, no nosso país;
- Confrontar esta situação com o Projeto de Deus que fez mulher e homem juntos à sua imagem e semelhança;
- 3) Conscientizar-se de que ainda se está longe deste ideal, tanto fora como dentro da Igreja. Todos, mulheres e homens, precisam de comversão, de mudança de atitudes e comportamentos. Ambos devem respeitar e reconhecer mutuamente seus direitos e deveres.
- Encontrar pistas de ação para que a mulher possa tomar, cada vez mais, seu lugar na sociedade e na Igreja.

O lema: Mulher e Homem Imagem de Deus

Não faltaram certas críticas quanto ao lema escolhido. Achou-se melhor que fosse um lema que expressasse mais a luta, o confronto, a libertação da mulher. Entraram mais de 100 sugestões para o lema e a escolha não foi tão fácil. Afinal ficou o lema atual. Quer mostrar que a Campanha da Fraternidade não pretende colocar a mulher contra o homem, como se fossem inimigos. nem colocar o homem de lado como se a libertação da mulher se pudesse realizar sem ele. A verdadeira libertação só se dará se mulher e homem se libertarem juntos. Quanto mais um "liberta" o outro, tanto mais os dois serão companheiros que juntos constroem uma sociedade fraterna e justa. A mulher precisa de libertação. O homem também precisa ser libertado do seu machismo e senso de superioridade. Os dois se ajudarão mutuamente a se libertarem. Assim, o projeto inicial de Deus, mulher e homem iuntos, sendo sua Imagem, se realizará.

O Cartaz

O cartaz apresenta a criação da qual mulher e homem fazem parte. Os dois são a coroação da obra de Deus. Juntos são chamados a louvar o Criador e pôr mãos à obra para levar a criação a sua plenitude para o bem de todos. O cartaz mostra mulher e homem em posição de louvor, de adoração, de prontidão.

O texto-base

O texto-base quer dar uma visão da realidade atual da mulher na sociedade e na Igreja. Aborda a sua situação na família, no trabalho, na educação, na cultura, na arte, na política, nos meios de comunicação e em situações de marginalização bem pronunciada. Aborda também a si-

tuação da mulher na Igreja. Não se esquece do papel importante da mulher religiosa e olha, rapidamente, a situação da mulher nas outras Igrejas cristãs e no Judaísmo.

Julga, a partir da antropologia e da Bíblia, qual o projeto de Deus, que se reflete de um modo especial nas atitudes de Jesus.

Também se ouve o que a Igreja diz hoje. A visão da mulher na Igreja mudou consideravelmente nos últimos decênios. O próprio movimento feminista conscientizou a sociedade e a Igreja das discriminações existentes a seu respeito. Mas ainda persistem as desigualdades, às vezes muito sutis e quase despercebidas.

Na última parte do texto-base encontram-se pistas para a conscientização e ação transformadora.

Não é bom que o homem esteja só (Gn 2,18)

A nossa sociedade é o mundo dos homens. É organizada a partir da lógica masculina. Eles fazem as leis e determinam suas estruturas. Vendo o resultado de tudo isso, deparamos com um mundo violento, iniusto e bélico. Em nome de certos "valores" se mata, se tortura e se desencadeiam guerras. Gastam somas fabulosas em armas, empregam mais da metade dos recursos mundiais para pesquisas de armamentos, causando grande sofrimento individual e social. Mundo dos homens onde a mulher não tem entrada! Mundo onde não há lugar para o mais fraco, o mais indefeso. Mundo de ganância e de poder!

Falta neste mundo a presença ativa e criativa da mulher. A Bíblia já disse: "Não é bom que o homem esteja só. Vamos fazer uma companheira para ele" (Gen 2, 18). Não é só no campo psicológico e individual que não é bom que o homem esteja só. Em toda a estrutura da sociedade humana ele precisa de uma companheira. Juntos podem construir um mundo fraterno e justo.

O homem aceita sua companheira? Infelizmente, através de toda a história da humanidade, nota-se que ele não a reconheceu, mas se apoderou da mulher e a transformou em objeto: objeto de cama e mesa, executora das suas ordens e regulamentações sempre no segundo plano, na sombra, a serviço, fora do seu trabalho e do seu mundo. E por isso, o mundo vai mal...

Nas estruturas da Igreja, a situação não é tão diferente. Decretos e práticas eclesiásticas são depreciativos referentes à mulher. Também aí ela é executora de ordens, deve obedecer a leis impostas, não tem voz nem vez, é considerada imatura e necessitada de proteção.

Na Igreja, em geral, a mulher atua mais e "manda" menos. Sua entrega aos serviços eclesiais é generosa e desprendida. Mas, as possibilidades de influência nas instâncias decisórias são praticamente nulas. E, será que se pode fechar a discussão, dizendo simplesmente que isso tudo é "instituição divina"?

Muitas mulheres talvez estranhem ou se escandalizem com essas constatações. Acham que deve ser assim mesmo. Que é assim que Deus o quer. Desde cedo foram educadas e formadas com essas idéias e as assimilaram tranquilamente. "Mulher deve saber seu lugar, ser submissa, discreta, dedicada".

Mas, pode-se perguntar se, deste modo, não se acentua cada vez mais aquilo que deve ser superado. Continuando os padrões reinantes, a dominação masculina e a dependência feminina são reforçadas cada vez mais, em vez de serem superadas. Isso impedirá se chegar a um relacionamento harmonioso onde ambos se enriquecem e ajudam. Impedirá a libertação tanto da mulher como a do homem.

Onde atuam somente os homens, ou somente as mulheres, haverá sempre desequilíbrio, rigidez, autoritarismo, mesquinhez.

O que Deus criou tão sábio e bonito, não foi entendido. A imagem de Deus ficou machucada de tal modo que se tornou irreconhecível. Está na hora de recuperar seu verdadeiro sentido, de consertar as rachaduras e os estragos, causados nessa imagem de Deus que é a mulher e o homem.

A situação está mudando

A mulher tomou consciência da sua situação. O movimento da emancipação da mulher começou com a sua entrada no mercado do trabalho. O trabalho tornou a mulher independente financeiramente. Abriu seus horizontes para além do espaço da casa e do ambiente da família. O trabalho a fez sentir e participar dos problemas, das lutas e das vitórias das suas companheiras.

O trabalho da mulher fora de casa mudou, radicalmente, as estruturas da família. A mulher descobriu suas possibilidades, sua força, seus direitos...

O movimento feminista começou praticamente na 2.ª metade do século XIX. Numa primeira fase buscou a emancipação da mulher, seus direitos civis, sua admissão à cultura e ao trabalho. Hoje, em dia, suas exigências são aceitas e respeitadas.

A fase atual do movimento feminista se caracteriza pela crítica à sociedade que coloca o homem no centro e se constrói a partir dos interesses e da lógica masculina. A mulher procura superar a discriminação baseada no sexo. Quer chegar a uma contribuição própria na construção da sociedade.

A procura de libertação se faz sentir no campo da sexualidade, na família, no controle da natalidade e nos outros relacionamentos.

Na América Latina se acrescenta ainda a luta para sair de uma situação injusta de pobreza, com todas as suas conseqüências, que impede realizar suas justas aspirações.

Na família

As relações familiares mudaram rapidamente a partir do momento em que a mulher começou a trabalhar fora de casa.

Marido e filhos custam a aceitar a nova situação. Muitas vezes, a mulher tem que fazer uma dupla jornada. Voltando do trabalho a esperam os trabalhos domésticos. Marido e filhos não estão dispostos a dividir as tarefas da casa. Querem a mulher inteiramente a seu serviço, a qualquer momento do dia.

Aqui se mostra que também o homem precisa de libertação, de tornar-se livre de suas exigências irrazoáveis e de aceitar a mulher como sua companheira, ambos tendo os mesmos direitos e os mesmos deveres.

A independência financeira da mulher influencia, também, na maior facilidade de se divorciar. Na família tradicional, com muitos filhos e a mulher dependendo financeiramente do marido, certamente a separação era quase impossível. Hoje em dia, com um bom salário e poucos filhos, a separação é mais fácil.

O controle da natalidade permite à mulher assumir um trabalho fora de casa, ter seu descanso e lazer.

Mesmo assim, pode-se questionar se tudo é vantagem, e se determinados valores não se estão perdendo. Especialmente, quando os filhos ainda são pequenos, a ausência da mãe pode ser prejudicial. Novos problemas se apresentarão futuramente.

As maiores liberdades sexuais conseguidas nem sempre parecem ser "libertadoras" e são inspiradas por uma procura desregrada de prazer e auto-satisfação. Nem tudo que brilha é ouro!

A mulher pobre já não tem outra saída do que trabalhar fora. E esse trabalho, muitas vezes, a escraviza.

Com quem deixar os filhos? Com a irmāzinha maior, numa creche, deixá-las trancadas em casa sem ninguém para olhá-las, ou deixá-las vagando na rua...?

Ela tem que sair muito cedo, deixando prontos os principais afazeres. Vai cuidar dos filhos dos outros, ou enfrenta um tipo de trabalho que mais escraviza do que liberta. Suporta as implicações e humilhações das patroas ou dos chefes de serviço. Ganha um salário injusto...

Na educação

As mulheres que trabalham no setor da educação têm, também, sua história para contar, especialmente a professora primária. É desvalorizada e, em certos lugares, com péssimo salário, tirando todo o ânimo para fazer um bom trabalho, ou para se atualizar.

Na política

A atuação da mulher na política é fraca. Embora haja prefeitas, deputadas e vereadoras, a porcentagem é ainda pequena.

A metade do eleitorado são mulheres. São uma força incrível, mas as mulheres não parecem estar muito conscientes disso. Por que não unir as forças, eleger mulheres competentes, para quebrar aquele mundo machista?

A Campanha da Fraternidade não quer somente acusar as situações de opressão da mulher, mas quer, também, conscientizá-la das suas próprias omissões e despertá-la para maior atuação.

Na Igreja

Lembro-me do vigário da minha infância que, durante a Quaresma, fazia as meditações sobre a paixão e morte de Jesus. Disse: "Ao pé da cruz estavam três mulheres e um homem. E assim continua até hoje na Igreja: três contra um".

Como é verdadeira esta colocação. A mulher é a maior presença na Igreja. Também atua mais. Das lideranças das CEBs 80% são mulheres. Dos 500.000 catequistas, 80% são mulheres. Elas estão aí para organizar as festas, para socorrer os mais sofridos, para cuidar da igreja e dos padres. Estão atuando nas associações e movimentos, em todos os ramos da pastoral. É aquela imensa multidão sempre disposta a assumir seu compromisso.

Juntam-se a elas as milhares e milhares de religiosas que se entregam de corpo e alma ao bem do povo mais sofrido, que estão nas pequenas comunidades inseridas no meio popular, nas escolas e hospitais. São aquelas que renunciam ao próprio lar para poder dedicar-se melhor à Igreja.

Mulheres, mulheres, mulheres...

É incrível que elas continuem ainda, mais do que no mundo civil, sob a tutela dos homens, executoras de mil e uma tarefas, mas sem voz decisiva, nem de consulta. As leis para elas são feitas sem elas. Sua voz não é ouvida. Não participam das discussões feitas pelos teólogos, moralistas, nos sínodos etc. Mesmo tendo abertura por parte de certos membros do Clero, as estruturas da Igreja simplesmente não o permitem. Quem questiona, é mal visto. O assunto, de antemão, é retirado da mesa.

As mulheres começam a reagir. Querem sua voz também dentro da Igreja, nas reflexões, nas decisões. Pode-se perguntar se Jesus realmente quis as estruturas que a Igreja tem atualmente. Pouco ele definiu a respeito. Claro que ele não quer manifestações de poder. Adverte os discípulos que não podem ser como os grandes deste mundo que querem dominar. "Entre vocês não seja assim. Mas quem é o maior seja aquele que serve" (Mt 20,15-28). "Entre vocês ninguém é Pai, nem Mestre, nem Guia. Vocês todos são irmãos" (cf. Mt 23,8-12).

A atitude de Jesus para com as mulheres é surpreendente, numa sociedade que não valoriza a mulher, que a considera propriedade do homem e que restringe seu espaço à cozinha e à casa.

Mulheres pertencem ao círculo dos discípulos de Jesus. Ele as chama para sair do espaço restrito da cozinha, que os homens lhes conferiram, para ficar aos pés dele, atitude do discípulo diante do Mestre, para ensinar-lhes sobre o Reino de Deus (Lc 10,38-42). Mulheres o seguem nas suas viagens. Ele as valoriza, tem para com elas uma atitude livre, sem tabus e preconceitos, sem qualquer discriminação (cf. Texto-Brase 2.4).

Nos primeiros tempos da Igreja, as mulheres assumiram funções de responsabilidade, não só nas comunidades domiciliares, mas também nas comunidades locais (Rm 16,1 ss). A atuação de profetisas era conhecida e estimada (1 Cor 11,5; At 2,17).

A organização da Igreja primitiva possibilitou uma participação ativa das mulheres na construção e direção das primeiras comunidades.

O mundo grego-romano, que permitia uma vida mais independente e livre nas grandes cidades, constituía uma condição mais favorável para a mulher na Igreja primitiva. Existiam o Instituto das Viúvas (1 Tm 5,9-12) e o ministério das diaconisas (1Tm 3,8-11; Rm 16,1).

O Instituto das Viúvas parece ter sido uma forma de presbiterato feminino. Eram seus encargos: apostolado entre as mulheres a domicílio, administração do Batismo, serviços de caridade, o serviço da prece. Dados tirados do artigo da Ida Reming, Concilium/54 1980/4, pg. 5 (441).

Já no 3.º século, as funções são reduzidas. Foi-lhe proibido qualquer instrução religiosa e a administração do Batismo.

Por medo de que as viúvas pudessem apropriar-se do direito do presbítero, o Concílio de Laodicéia, no ano 343, fechou as portas para as viúvas. O Instituto das Viúvas ficou restrito à oração.

O diaconato feminino ainda continuou uns 100 anos, mas ficou como órgão dócil ao Bispo, com um lugar fixo na hierarquia eclesiástica. Algumas das funções das viúvas foram confiadas às diaconisas.

No século IV se proibiu ordenar diaconisas. A diaconisa era forçada à vida ascética das virgens consagradas, à vida de claustro, sendo excluída do serviço à comunidade.

Este é o fim do ministério das mulheres na Igreja.

Para tal evolução, não só contribuíram os teólogos da Igreja Antiga, mas também os padres da Igreja (séc. IV a VI). Considerando a mulher inferior ao homem, reduziram seu papel a dona-de-casa, obediente ao seu marido, isolada da vida pública ou ao estado de virgindade. Consideravam a mulher fonte de pecado e sedutora do homem.

O pensamento dos Padres Igreia teve sua influência até na Idade Média (séc. XI e XII). Suas afirmações influenciaram as decisões conciliares e decretos papais que consignaram à mulher o "estado de escravidão", devendo ela estar sujeita ao homem em tudo. Tais decretos vedavam-lhe o exercício de funções pastorais e litúrgicas. Colocou-se o sexo feminino como um obstáculo para a ordenação. Um certo Bernardo de Botone (1245) afirmou que "à mulher não compete o poder espiritual das chaves, porque ela não é imagem de Deus e deve servir ao homem em completa subordinação".

Na declaração da Congregação para a Doutrina da Fé (1977) foi novamente confirmada a estrutura patriarcalista da não-ordenação das mulheres.

Os últimos documentos de João Paulo II (Mulieris dignitatem e Christifideles Laici) ressaltam a dignidade da mulher. Tiram-na da classificação de ser fonte de pecado e restauram-na como imagem de Deus, igual ao homem em dignidade e direitos. Conservam a proibição da ordenação para as mulhe-

res, porém abrem algumas perspectivas (Christifideles Laici n.º 51):

- estudo da teologia e ciências eclesiásticas
- ensinar essas disciplinas em nome da Igreja
- assumir ministérios (não ordenados) na comunidade
- participar na preparação dos documentos pastorais e na elaboracão de decisões
- participar nos conselhos paroquiais e diocesanos, sínodos diocesanos e concílios particulares.

Não se pode negar que alguns avanços foram feitos. Cabe, agora, às mulheres exigir seu lugar. Dependendo só dos homens, não haverá muitas mudanças, nem muito estímulo. As mulheres mesmas devem reclamar sua presença e preparar-se seriamente para poder participar à altura e com a devida competência.

Pistas de ação

A Campanha da Fraternidade, no seu Texto-Base, oferece muitas sugestões para uma atuação durante e depois da Campanha. Outras atividades podem ser acrescentadas.

A mulher Religiosa poderá questionar sua própria atuação em relação à estrutura da Vida Religiosa, como também sua ligação com a Igreja nos diversos níveis. Até onde ela mesma deve-se libertar, até onde a própria estrutura da Vida Religiosa oprime e desvaloriza a

mulher? Como a Vida Religiosa pode promover a mulher? Como a Religiosa vive melhor sua vocação de mulher? Qual a contribuição ela pode dar à Igreja em nível de reflexão, no campo da pastoral e da teologia?

Como a sua atuação ajuda e apóia as mulheres na sua luta contra a discriminação e opressão na família, no trabalho, na educação?

As leigas consagradas se perguntam como ser solidárias no campo secular; qual a contribuição que podem dar na família, no trabalho, na educação e na cultura, na política, nos MCS?

Como atuar dentro da própria profissão, no seu ambiente diário? Qual a contribuição concreta que os Institutos Seculares podem dar aos seus membros quanto a um trabalho junto às mulheres na sociedade? Dentro da comunidade eclesial, onde estão esperando sua contribuição?

Terminando a Quaresma, não quer dizer que terminou a Campanha. É somente um ponto de partida, uma tomada de consciência.

A libertação da mulher é uma tarefa constante, objeto de uma vigilância contínua, que merece ser aprofundada durante todo o ano, durante os diversos momentos da pastoral: Mês das Vocações, Mês da Bíblia, Mês das Missões, preparação para o Natal.

Que a Campanha da Mulher tenha seus resultados, suas consequências amplamente difundidas.

Creio em DEUS-PAI

- que criou Mulher e Homem à sua Imagem,
- que entregou aos dois o cuidado pelo mundo e viu que isto era muito bom.

Creio em DEUS-PAI

 que pediu o consentimento de uma Mulher para realizar sua obra de Salvação.

Creio em JESUS,

Filho de Deus, nascido de uma Mulher,

- que escutava e valorizava as mulheres e as visitava nas suas casas;
- que protegia as mulheres contra os homens acusadores e disse que as meretrizes entrariam no Reino antes deles.

Creio em IESUS

- que falava a Maria sobre o Reino de Deus e retirava Marta da cozinha, lugar que os homens lhe tinham reservado;
- que tinha mulheres discípulas que o seguiam e serviam.

Creio em JESUS

 que falava com uma mulher, desprezada pela sociedade, junto ao poço, a quem revelou que era o Messias, revelação que ela foi anunciar a seu povo.

Creio em JESUS

- que bendisse a mulher pecadora que, num gesto sacerdotal,
 lhe ungiu os pés, fazendo o que os homens lhe negaram;
- que curou a mulher impura e se deixou tocar por ela;
- que curou a mulher cananéia depois que ela o fez mudar de idéia.

Creio em JESUS

- que se comparou a uma ave que abriga seus filhotes debaixo das asas;
- que apareceu primeiro a Maria Madalena e às mulheres e as enviou para transmitir a Boa Nova da Ressurreição aos discípulos.

Creio no ESPÍRITO SANTO,

- sopro e princípio de vida,
- que foi derramado sobre mulheres e homens no dia de Pentecostes;
- que anima a comunidade em direção à igualdade, pois todos, mulheres e homens, são UM EM CRISTO.

Formar para quê?

O objetivo último da formação para a Vida Religiosa é a MISSÃO. Há um largo consenso teórico em torno dessa afirmação.

E o que é a missão?

Entende-se por MISSÃO, em sua dimensão cristológica e eclesiológica, o ser-enviado de Jesus. O SER de Jesus é um SER-PARA, para o Pai de quem procede e para os homens a quem é enviado. Formar para a missão é, portanto, levar a uma identificação com Jesus Cristo, a uma participação no seu projeto, no seu destino, no seu ser-enviado-ao-mundo, na sua abertura incondicional ao Reino. Como se vê, a MISSÃO situa-se na ordem do ser: ser de Jesus Cristo, ser da Igreja, ser da Vida Religiosa. A Vida Religiosa não se justifica nem se compreende a partir das tarefas que executa. A centralidade do conceito de Vida Religiosa está na Missão e a centralidade da Missão está em Jesus Cristo.

Consulte: 'Formação para a Missão', de Pe. José Antônio Netto de Oliveira, SJ, Convergência, ano XXIII, n.º 216 (1988), p. 483-498. 'Missão e Vida Religiosa', Marcello Azevedo, SJ, página 118, nesta revista.

POTENCIAL PROFÉTICO DA MULHER LATINO-AMERICANA NA IGREJA E NA SOCIEDADE

Basta de teoria. É absolutamente necessário que se passe do reconhecimento teórico da presença responsável e ativa da mulher na Igreja à realização prática.

Irmã Maria Carmelita de Freitas, Fl

Atualidade e complexidade da questão da mulher

Não resta dúvida de que, nos últimos anos, a questão da mulher vem conquistando mais espaço e maior projeção, seja no âmbito da sociedade, seja no âmbito eclesial.

O assunto deixou de ser do interesse de grupos restritos ou de movimentos feministas para interessar também a outros setores da sociedade e da igreja preocupados com a construção de um mundo mais justo e fraterno, onde se dêm, de fato, relações igualitárias e fraternas entre homem e mulher, onde não haja discriminação sexista ou de qualquer espécie, e onde se cumpra a palavra do Apóstolo Paulo: "Já não há judeu nem grego,

nem servo nem senhor, nem homem nem mulher, pois todos vós sois um só em Cristo Jesus" (Gl 3,28).

Em âmbito de igreja, o assunto tem sido objeto de reflexão e de pronunciamentos seja da parte de instâncias romanas, seja de parte de episcopados nacionais.

O Sínodo dos Bispos sobre a Vocação e Missão do Leigo na Igreja, realizado em 1987, ocupou-se da questão e propiciou, na fase de preparação, ensejo para que se aprofundassem vários aspectos da problemática nas igrejas particulares. Durante as sessões Sinodais, num total de 200 intervenções, 32 tocaram na questão da mulher, a maioria delas de maneira positiva e relevante.

Posteriormente, a Exortação Apostólica "Christifideles Laici" dedicou alguns itens à situação da mulher na igreja e ressaltou que "é absolutamente necessário que passe do reconhecimento teórico da presença ativa e responsável da mulher na igreja à realização prática" (CF, 428). Afirmou ainda que "a participação da mulher na vida da igreja e da sociedade, através dos seus dons, constitui a estrada necessária para a sua realização pessoal como também o contributo original da mulher para o enriquecimento da comunhão eclesial e para o dinamismo apostólico do Povo de Deus" (CL51).

A publicação quase simultânea da Carta Apostólica "Mulieris Dignitatem", de João Paulo II, constituiu outra demonstração do interesse e da atualidade da questão da mulher na vida da igreja. Trata-se, evidentemente, de um importante documento, bastante positivo para a mulher, com o peso e a importâcia da palavra do Papa. Não se pode afirmar que traga algo de substancialmente novo à caminhada e à luta da mulher dentro da sociedade e da igreja, mas sim, "confirma e consolida os dados fundamentais sobre a dignidade da mulher contidos na revelação cristã e na tradição da igreja" e que devem ser constantemente recordados para não caírem no esquecimento" (CF.227).

Entre os pronunciamentos de igrejas particulares, merece destaque o do episcopado dos Estados Unidos, "Partícipes do Mistério da Redenção", de 1988. Publicado depois de ampla pesquisa, na qual foram ouvidas cerca de 75.000 mu-

lheres, o documento tem dois objetivos: "o de dar uma resposta às expectativas expressas pelas mulheres católicas que nos contaram sua história pessoal, que manifestaram suas aspirações, exigências e esperanças para a igreja e a sociedade; e o de examinar a nossa vida como comunidade de fiéis, chamadas a crescer junto mediante a graça de Deus. Tais objetivos nos levaram a fazer um profundo exame de consciência coletivo, para converter-nos e agir" (1).

Na América Latina, tanto nos centros urbanos como nas periferias e no campo, cresce a consciência de que a libertação da mulher joga papel decisivo nas lutas libertárias do continente, e de que as transformações necessárias e urgentes na nossa sociedade não se farão sem a contribuição da mulher, sem o seu envolvimento e compromisso para o surgimento de uma nova humaninidade e de uma nova ordem social.

Em âmbito de igreja, é uma característica do Continente o papel decisivo que joga a mulher na organização, na caminhada vida das CEBs. Outra característica da Igreia no continente latino-americano é a contribuição da mulher para o pensar teológico. De modo geral, nessas igrejas, o discurso teológico da mulher não se faz como a elaboração de experiências isoladas, mas como a tradução de uma voz de solidariedade. A mulher teóloga se autocompreende como porta-voz de suas companheiras dos meios populares que, nos subterrâneos da história, estão tecendo os fios e costurando os pontos da libertação dos pobres (cf. CF 214).

No Brasil, a escolha da temática da mulher para a Campanha da Fraternidade de 1990 é outro indicador da atualidade e da transcendência da questão.

Essa escolha acontece num momento em que o país tenta, com não poucas dificuldades, reconstruir a democracia e levar à prática uma nova Constituição, na qual o reconhecimento dos direitos fundamentais da mulher representa, sem dúvida, uma conquista numa realidade em que as estruturas sociais estratificam-se e solidificam-se por um forte cimento ideológico alimentado e cultivado pela mentalidade "machista".

O texto-base elaborado para essa Campanha da Fraternidade deixa perceber que a libertação da mulher exige profundas mudanças: das estruturas sociais, da ideologia e de interesses machistas. Isto só será possível por um processo coletivo de conversão e de transformação social. "É um apelo de conversão quaresmal e uma nova fraternidade" (CF 57).

Reconhecer a atualidade e a importância da questão da mulher — como vem acontecendo na sociedade e na igreja — não significa por si só a superação, "de fato", de discriminações e de dominações em relação à mulher. Documentos e pronunciamentos são estéreis sem uma prática que realmente permita sua transposição para a vida. Nesse sentido, fica ainda muito caminho a percorrer, e a complexidade da questão da mulher continua desafiando a igreja e a sociedade nos umbrais do ano 2000.

2. A mulher na perspectiva do profetismo hoje na AL

No contexto destas páginas, a abordagem do tema da mulher tem um interesse bem preciso: Trata-se do potencial profético da mulher no contexto latino-americano de hoje. Outras dimensões dessa complexa questão ou não são abordadas aqui, ou, se o são, isto se dá em função da abordagem pretendida.

Por outro lado, não é possível falar do potencial profético da mulher hoje, sem situá-lo em seu contexto eclesial.

2.1. Contexto Eclesial Latino-americano e profecia

"O Espírito sopra onde quer" (Jo 3,1). Também ao conceder o carisma profético. Não se pode dizer que, na igreja, o profetismo seja monopólio de grupos ou de pessoas determinadas. Há leigos-profetas, pastores-profetas, religiosos-profetas, mulheres-profetas.

Já foi dito que o profeta, tal como nos é apresentado pela história do povo de Deus, é "um crítico religioso da realidade" (2). Um homem que, a partir da sua experiência de Deus e dos caminhos de Deus para seu povo, questiona a realidade, as estruturas, as pessoas e, em nome de Deus, chama à conversão e à mudança. Dessa maneira, a situação profética define-se fundamentalmente por sua referência a Deus e por sua referência ao povo de Deus no concreto de sua história.

Suscitado por Deus e guiado por seu Espírito, o profeta não pode faltar na vida da comunidade. Há uma estreita relação entre as situações históricas que vive o povo e o surgimento do profeta; entre os desafios e crises do povo e a missão do profeta.

Em razão das suas tomadas de posição e das suas opções pastorais, a igreia latino-americana, nesses últimos anos, é vista cada vez mais, sobretudo em alguns países, como uma igreia profética. O lugar que progressiva. mas decididamente passou a ocupar na sociedade constitui um fenômeno inédito que modificou seu perfil interno e externo. Para os cientistas sociais essas transformações da vida e da práxis eclesial podem definir-se como "mudança do lugar social", expressão que rapidamente se impôs, para significar o deslocamento de setores da igreja em direção à margem do sistema social vigente e aos empobrecidos desse sistema. Olhado superficialmente, esse fato pode dar a impressão de que a igreja foi pro-vocada à mudança só pela realidade social conflitiva, pelo submundo dos pobres. Olhado numa perspectiva de fé, esse êxodo do centro para a margem, essa mudanca do lugar social é o resultado da fidelidade da igreja à sua missão. Os fenômenos históricos de mudança são só a expressão mais visível de um processo mais profundo de conversão.

Este processo de mudança vai dando lugar a uma "nova fisionomia da igreja", cujos traços mais marcantes apontam na direção da profecia, e poderiam descrever-se assim: — uma igreja prioritariamente evangelizadora, cuja razão

de ser é o anúncio da Boa Nova do Reino de Deus: - uma igreia de comunhão e participação que renuncia a definir-se a partir do poder, e cuia força se manifesta na práxis do servico desinteressado aos mais pequeninos, sem excluir a ninguém; - uma igreja que opta preferencialmente pelos pobres, numa perspectiva evangélica e cristológica; — uma igreja que suporta a perseguição e a morte por causa do evangelho e do seu compromisso com os primeiros destinatários desse evangelho: os pobres e os pequenos. Em suma, uma igreja que recupera a liberdade evangélica, o profetismo e a graça martirial (3).

2.2. A ascensão da mulher como sujeito eclesial ativo

É nesse contexto de uma igreja comprometida com os pobres, profética e libertadora, que se assiste hoje a um fenômeno até certo ponto novo, a ascensão da mulher como sujeito eclesial ativo. Essa questão é complexa e pode tornar-se ambígua se não se tem em conta o seu verdadeiro sentido e os seus limites.

O documento "Mulheres para o diálogo", redigido por um grupo de mulheres de diferentes países da América Latina, durante uma reunião realizada no México, em 1979, fala de uma situação de presença e de ausência da mulher na igreja: "Na igreja, a mulher está presente de forma massiva, mas está ausente na orientação e direção da instituição" (4).

Esta situação de "ausência/presença" constitui um questionamento cada vez mais forte. Porque persiste esta situação de fato, quando teoricamente se reconhece a necessidade de uma prática que abra maior espaço à participação efetiva da mulher na igreja?

Por isso, quando hoje se fala de ascensão da mulher como sujeito eclesial ativo, é preciso ter em conta qual é o cenário dessa ascensão, para não se incorrer em ambigüidades. Sem dúvida, esse cenário não coincide com o das estruturas organizativas e decisórias da instituição eclesiástica. Excluída do ministério ordenado, a mulher sofre as mesmas limitações e restrições que atingem todo o laicato em termos de participação e atuação nesse nível.

Na América Latina, de um modo geral, é nos meios populares, especialmente nas CEBs, onde mais se faz sentir hoje a nova presença da mulher como sujeito eclesial ativo. É esse o cenário privilegiado de sua ascensão e afirmação, embora ela se dê também, de forma menos contundente, em outras dimensões da vida da igreja. Aí, "no meio popular, onde emerge o 'novo' de maneira privilegiada, as mulheres descobriram seu espaço nas CEBs, que são na esmagadora maioria compostas e lideradas por elas: Sua presença é fundamental para o nascimento, crescimento, organização e e animação da comunidade. São elas as que levam à frente a maioria dos serviços de organizar, coordenar, animar, se solidarizar com os necessitados, catequizar, preparar a liturgia e celebrar a festa. Estão também nas linhas de frente de todas as lutas por uma vida melhor e mais digna. Nesta realidade seu mandato lhe é conferido pelo Espírito 'que sopra onde quer' e suscita a coragem e a alegria nas mulheres, mesmo nos momentos mais difíceis. Desta maneira, a partir da prática surgem novos ministérios que a mulher vai exercendo" (CF. 400).

Neste cenário dos meios populares, é preciso levar em consideração ainda o fenômeno da Vida Religiosa feminina inserida, com tudo o que significa de presença eclesial e de profetismo.

2.3. O potencial profético da mulher hoje

Uma das questões mais atuais no contexto latino-americano hoje em relação com a mulher e sua ascensão como sujeito eclesial ativo é a de seu potencial profético.

A teóloga brasileira Ana Maria Tepedino, no primeiro encontro sobre a questão da mulher nas igrejas cristãs, falava de que a mulher começa a "desconhecer o lugar que secularmente lhe foi imposto na sociedade e na igreja" (5). Esse desconhecer o próprio lugar constitui, sem dúvida, condição para o profetismo feminino.

Outra mulher, Ana Sojo, afirma que a mulher já não está disposta a ser cidadã de segunda categoria, uma vez que decide lutar por uma nova identidade individual e social. Em sua obra — "Mulher e Política" — a autora faz uma interessante análise dos dispositivos que permitiram e continuam permitindo a condição subalterna da mulher ao longo da história. Sua reflexão é elucidativa da situação subalterna

da mulher e da relação que isso pode ter com a questão do potencial profético da mulher e seus condicionamentos históricos.

Para a autora, um desses dispositivos histórico-culturais é o fato de que no passado recorreu-se (e na atualidade ainda se recorre) a explicações biológicas sobre a essência do masculino e do feminino para fundamentar a atribuição de papéis sociais em função do sexo.

Uma tal utilização da biologia, misturada com a defesa de interesses de classe e racistas — o que põe em evidência que as diferentes formas de opressão não estão isoladas umas das outras —, relega a mulher ao plano do doméstico. No âmbito do público é-lhe permitido incursionar apenas em condições discriminatórias.

Tal dispositivo constrói-se no marco de uma "divisão do trabalho social entre homens e mulheres, na qual o público e o privado adquirem um significado muito particular, pois o primeiro é o campo das tomadas de posição por excelência da sociedade, e onde a mulher tem uma condição subalterna; o segundo se identifica com o doméstico despolitizado" (6), ao qual se confina a mulher. Tal fetichização biológica atua sobre a consciência, impedindo o questionamento.

É precisamente essa barreira do não questionamento de uma tal situação que a mulher tenta superar quando começa a "desconhecer o seu lugar".

Isto não significa que a mulher negue sua indentidade ou sua feminilidade e reieite o doméstico. Trata-se, antes, de captar as deturpacões que interesses de diferentes ordens produziram e continuam produzindo em relação à figura da mulher e seu potencial criativo e transformador na sociedade. óbvio também que uma tal deturpação pode chegar a constituir um "a priori" ou um "álibi" para desconhecer e mesmo negar o potencial profético da mulher. De fato, relegar a mulher ao âmbito do doméstico, tal como o entende o dispositivo em questão, é vedarlhe todo o acesso ao mundo do político e retirar-lhe poder de incidência sobre a história. Em uma palavra: alienar sua consciência e suas práticas.

O próprio documento de Puebla parece legitimar em certo sentido esse estado de coisas, quando insiste no papel doméstico da mulher, seja ao falar do significado da mulher a partir da descrição da figura de Maria, seia ao se referir às características da mulher e suas virtudes (P. 291, 845). Por outro lado, Puebla lamenta, em relação à mulher latino-americana, "sua ausência quase total da vida pública, econômica e cultural" (P. 834), coconsequência de atavismos culturais. E acrescenta que a mulher deve estar "presente nas realidades temporais, contribuindo com seu ser de mulher para participar com o homem na construção da sociedade" (P. 848).

Essa advertência de Puebla é importante. Evoca o potencial profético da mulher, muitas vezes ignorado ou silenciado por uma sociedade e por uma igreja ainda

discricionárias. Potencial que, por outro lado, não pode ser negado sob pena de se negar também a liberdade do Espírito que "sopra onde quer" e atua nos batizados, homens e mulheres que, juntos, formam o povo de Deus.

2.4. Mulheres-profetas ontem e hoje

"A figura da mulher-profeta r.ão é alheia à história do povo de Deus no Antigo Testamento. Explicitamente os textos vétero-testamentários mencionam quatro mulheres chamadas profetisas: Hulda (2R. 22,14); Débora (Jz. 4,4ss); Miriam (Ex. 15,20); a mulher de Isaías (Is. 8,3). Além dessas quatro, há outras figuras femininas cuja palavra e cuja prática estão cheias de significação profética. Basta recordar: Ruth, Noemi, Judith, Ester, Tamar e a Mãe dos Macabeus.

Vamos destacar aqui a figura de duas dessas mulheres, pela atualidade de seu profetismo e pela incidência que estão chamadas a ter no profetismo feminino hoje na América Latina: Débora e a Mãe dos Macabeus.

Débora, mulher casada, nos é apresentada pelos textos bíblicos ocupando um cargo público em Israel, a serviço do povo: juíza e profetisa (Jz. 4,4), e isso numa época em que a mulher não costumava ter atuação em questões da vida pública, ou no âmbito do político. Esse mesmo fato de exercer uma atividade fora do lar fazia dela uma mulher que fugia aos padrões sócioculturais daquele momento histórico.

Uma interpelação de Deus vai colocá-la face a um novo desafio: Débora tem que arriscar a vida para que o povo não pereça nas mãos do inimigo. Por causa do povo ela se informa e atua. Sua comunhão com o povo a mantém em permanente comunhão com Deus, e essa comunhão com Deus alimenta e sustenta seu compromisso com o povo. Em nome de Javé. Débora anuncia a Barac, a quem Deus ordenara que mobilizasse as tropas para a guerra: "Certamente irei contigo, contudo não será tua a glória da expedição que fazes, porque Deus entregará Sísara nas mão de uma mulher" (Iz. 4,8).

O capítulo 5.º nos narra o grito de Débora: "Desperta, desperta, Débora. Desperta, desperta, entoa o cântico" (Jz. 5,12). Esse grito profético representa, sem dúvida, uma convocação das mulheres para que despertem e assumam seu papel dentro da história do povo. Mas, sobretudo, esse grito nos mostra Débora como a consciência desperta do povo, que conclama as tribos dispersas de Israel para a luta e a vitória, reafirmando a confiança em Javé, o aliado do povo (7).

A Máe dos Macabeus tem uma história diferente. Os textos silenciam seu nome e apresentam-na pela sua função: é a mãe de sete filhos. Essa mulher anônima do povo, vai ser confrontada diretamente com o poder do rei: De um lado, o poder opressor na sua força máxima. Do outro, a fraqueza de uma mulher, membro do povo perseguido (2Mac. 7,1-41). No contexto sócio-político do Israel de então, a figura dessa mulher extrapola a

dimensão meramente pessoal: torna-se imagem, o símbolo do povo pobre que resiste, recupera sua memória e, dessa maneira, sustenta a resistência e a luta, na perspectiva da vitória.

A profecia dessa mulher anônima num contexto de negação do direito de viver, constitui uma reafirmação da vida, precisamente ali onde reina implacável a morte.

No Novo Testamento, é Maria — a Mãe de Jesus — quem se destaca como mulher profética. No seu cântico do 'Magnificat' ela "exprime a concepção dos pobres de Israel sobre o Deus da Salvação, aquele que intervém na história. Para os pobres na América Latina hoje, Maria é, por isso, um símbolo de libertação, não ela mesma como libertadora, mas como profeta da libertação, que ousa crer que a salvação surpreendente de Deus está em marcha e se realizará plenamente" (8).

Durante muito tempo, porém, uma apresentação da figura de Maria feita predominantemente por uma teologia e espiritualidade condicionadas fortemente por influências sócio-culturais e religiosas, e infiltradas de elementos ideológicos relegou a um segundo plano a dimensão profética de Maria, nitidamente presente no dado revelado, especialmente no 'Magnificat'.

2.5. Mufheres profetas na América Latina hoje

O potencial profético da mulher — como ficou dito — ainda que muitas vezes desconhecido ou ne-

gado ao longo da história, não pode nunca ser extinto.

De fato, o profetismo tem suas raízes mais profundas na própria estrutura do ser humano, em sua experiência originária antropológica. O ser profeta, antropologicamente falando, revela a possibilidade que tem o ser humano de, a partir de sua dimensão transcendente, questionar o imanente. A mulher participa, obviamente, como todo ser humano, dessa mesma estrutura básica profética.

Por outro lado, no contexto sócio-eclesial latino-americano de hoje, são muitos os espaços que se vão abrindo a uma vivência profética do compromisso cristão, e mais concretamente ao profetismo feminino: - as Comunidades Eclesiais de Base; os movimentos populares de defesa da vida e dos direitos fundamentais da pessoa humana; as pastorais específicas; os sindicatos urbanos e rurais; os grupos de proteção ao índio, sua raça e sua cultura: as organizações católicas e ecumênicas pela justica, a solidariedade entre os povos, a paz, o desarmamento.

Em todos esses espaços, a presença e a atuação da mulher é uma realidade incontestável hoje. Basta lembrar alguns exemplos: — No VI Encontro Intereclesial de CEBs, realizado em Trindade, em 1987, a presença profética da mulher nesses espaços foi testemunhada de muitas maneiras. Para destacar a presença de mulheres profetas e mártires na caminhada de libertação dos nossos povos, um dos "miniplenários" construído com folhas de palmeira e muita arte, recebeu o nome de

Margarida Alves, cristã comprometida e líder sindical, assassinada brutalmente por causa do seu compromisso com a causa da justiça e da libertação. Nesse mesmo encontro, a presença de D. Olinda — mãe do Pe. Josimo, assassinado pelos mesmos motivos — fez-se o símbolo da participação silenciosa de tantas mães do continente, no sofrido processo da libertação, e do seu profetismo feito de dor e de sangue (9).

Na Argentina, o fenômeno mundialmente conhecido das "Mães da Praca de Maio" está carregado de acento profético, na sua luta de longo alcance pela justiça e a verdade: "Mostramos que se pode lutar de forma não violenta (deixo claro que não somos pacifistas) diz o testemunho de uma delas contra a pior de todas as ditaduras. arrebatando-lhe pequenos espaços cada dia. Que a luta pela liberdade, a justiça e a vida está por cima das ideologias, da religião, da Com o tempo, a verdade se impõe com moral e com dignidade" (10).

Sobre a vida religiosa feminina como espaço do profetismo da mulher hoje na América Latina, escreve o teólogo chileno Ronaldo Muñoz: "Creio que as religiosas, em muitas oportunidades, foram muito mais criativas e mais consequentes que os religiosos para mudar sua vida, para deslocar-se, para inserirse nos setores pobres, para compartilhar a sorte dos mais abandonados. Foram muito mais longe que nós, os homens, e com maior prontidão e desprendimento de suas estruturas, de seus costumes e de sua segurança" (11).

Nesse processo de "ir muito mais longe", começa a acontecer também que a mulher religiosa, assumindo a dimensão profética da sua vocação, experimenta a contradição, o conflito, a perseguição e a morte. Não faz muito tempo, assim se expressava uma religiosa européia, missionária na Guatemala: "Prefiro viver aqui, perseguida e exposta a sofrer prisão e morte, a estar no meu país de origem, onde a dimensão profética da vida religiosa parece adormecida ou abafada."

2.6. Alguns traços do profetismo feminino

A partir dos relatos bíblicos sobre a profecia da mulher, e a partir também da experiência de tantas mulheres hoje em nosso continente, é possível identificar alguns traços do profetismo feminino. Em princípio são típicos de todo profeta — homem ou mulher — mas são vivenciados pela mulher com uma conotação que lhe é peculiar.

O primeiro deles é a coragem para enfrentar situações difíceis, momentos de crise, de desestruturação social ou cultural. Essa característica comum às profetisas de Israel é clara no caso de Débora: "As aldeias estavam mortas em Israel, bem mortas, até que tu te levantaste, ó Débora, até que tu te levantaste como mãe em Israel" (Jz. 5,7).

Essa mesma característica aparece com vigor nas mulheres profetas de hoje no nosso continente. No encontro intereclesial de CEBs em Trindade, foram numerosos os testemunhos que revelaram essa capacidade da mulher de assumir posições de vanguarda profética, quando está em jogo a vida, quando os homens parecem vacilar, ou quando se dão siuações sem saída (12).

Um segundo traço do profetismo feminino é a capacidade de resistência das mulheres na história de Israel e na história de nossos povos. Neste aspecto, as figuras de Ruth e Noemi fazem-se, na história do povo de Israel, figuras-símbolo da resistência dos pequenos e dos rejeitados da história. Ester e a Mãe dos Macabeus simbolizavam a tenacidade a toda prova que reverte o profetismo da mulher. No hoje do continente é incontestável a capacidade de resistência das nossas mulheres que lutam pela justica em associações de bairros, nas CEBs, nos movimentos e organizações em defesa da vida, seja na periferia das grandes cidades, nas favelas, nos corticos ou no campo.

Associada à coragem e à capacidade de resistência, o profetismo feminino apresenta uma clara dimensão de sabedoria. Ao ler as histórias de Débora e Judite, percebe-se como a sua sabedoria é reconhecida pelo povo. Uma sabedoria que está estreitamente ligada com sua fé no Deus da Aliança, e com sua fé no destino do povo. Uma fé tecida com coragem e resistência, e re-alimentada sempre na luta e na esperança. "Hoje, quando uma mulher do povo diz: - nós semeamos, quem vai colher são nossos netos" (13), ela fala também a partir dessa perspectiva sapiencial na sua dupla vertente: - a vertente da sua experiência de Javé que salva na história, e a vertente da sua consciência histórica, marcada pela "experiência muito realista da passagem de cada geração: — aquela que sabe que é mãe e avó sabe que a história passa por ela assim como uma corrente passa por cada elo que a mantém" (14).

Finalmente, outro traço que caracteriza o profetismo feminino é a dimensão do expor a vida por causa do Reino, por causa do povo. Assim agem Judite, Débora, Ruth e outras mulheres da Escritura. Assim agem hoje, muitas mulheres do continente latino-americano, onde a perseguição e, às vezes, a morte se tornaram conseqüências ineludíveis na vida de quem assumiu o risco de aceitar ser profeta ou profetisa do Reino.

A participação das mulheres nessa experiência de caráter martirial se dá numa dupla vertente: — enquanto expõem e entregam a própria vida, e enquanto geram e educam filhos que morrem por ser profetas do Reino (15).

A modo de conclusão

A história do profetismo feminino na América Latina está ainda por ser escrita. Explícita ou implicitamente, inspira-se nas grandes figuras de mulheres proféticas do povo de Deus, cuja memória a Bíblia conservou. Como naqueles casos, arranca de uma profunda experiência do Deus da Aliança, que chama, consagra e envia os seus profetas e profetisas para serem no meio do povo sinais vivos da sua presença libertadora.

Na América Latina, esse profetismo está enraizado no chão da história do nosso povo, nas contradições e conflitos que tecem essa história, nos avanços e retrocessos de uma caminhada de libertação que aponta para os ideais evangélicos de justiça, fraternidade, igualdade e respeito aos direitos fundamentais de toda pessoa humana.

O texto da Campanha da Fraternidade para 1990 parece prestar um reconhecimento a esse profetismo, muitas vezes anônimo, quando afir-

ma que as mulheres estão presentes nos sindicatos, partidos políticos e movimentos populares, entendidos como formas de serviço e compromisso com a justiça. Nas regiões mais carentes e sofridas, elas representam uma força incansável de resistência às estruturas injustas. Deste modo assumem um papel ativo na missão da igreja, na construção de um mundo justo e fraterno, sinal do Reino definitivo" (CF. 121).

NOTAS

(1) Partecipi nel mistero della Redenzione, Documento do Episcopado Norte-americano, nº 2, in Il Regno 13/88, 413-447. (2) Os Profetas Bíblicos interpelam a Vida Religiosa, CRB, 1986. (3) Caliman, C., Freitas, M. C., Vida Religiosa e Nova Consciência Eclesial, CRB, 1988, p. 98-103. (4) Mujeres para el diálogo-Seminario: La mujer latinoamericana - la praxis y la teología de la liberación. (5) Tepedino, A. M., A Mulher, aquela que começa a desconhecer seu lugar. Comunicado ao Encontro sobre a questão da mulher nas igrejas cristãs, in Perspectiva Teológica 17 (1985) 375, nota i. (6) Sojo, A., Mujer y Política: ensayo sobre el feminismo y el sujeto popular - Departamento Ecumênico de Investigaciones, José - Costa Rica, 1985, p. 55. Para as idéias da autora comentadas aqui conferir pp. 45 a 62. (7) Cf. Weiler, L., Cavalcanti, T., As mulheres profetisas

no Antigo Testamento, in Convergência, 192 (1986) 225-235. (8) Bergeon, I. H., Maria Modelo de Libertação da Muin Perspectiva Teológica iher?, (1986) 362. (9) Cavalcanti, T., Sobre a participação das mulheres no VIº Encontro Intereclesial das CEBs, in REB 47 (1987) 803-819. (10) Bonafini, H., Cadernos do Terceiro Mundo, 80, Julho 1985, p 48. (11) Muñoz, R., Nuestros hermanos pobres nos han despertado, in Vida Religiosa, 62 (1987) 474. (12) Cavalcanti, T., a.c., 803-819. (13) Idem, p. 818. (14) Idem, p. 818. (15) Idem, p. 812.

SIGLAS:

— CF: Campanha da Fraternidade: Texto base 1990. — CL: Christifideles Laici. João Paulo II, Vocação e Missão dos Leigos, Exortação Apostólica. Paulina. 1989.

Dois pensamentos

1. A vida se caracteriza por um *PASSADO* inalienável. Mas aquilo que não se *RENOVA*, morre. Experiência multissecular e historicamente diversificada. 2. Trabalho. Trabalho. Atenção, porém. Ativismo sem reflexão provoca superficialidade. E o mundo exige profundidade e dela precisa (*Pe. Marcos de Lima*, SDB).

A MISSÃO HOJE

Desde os primórdios,
a imposição do cristianismo dentro
da monocultura ocidental
fez com que acontecesse um abismo genético
entre a mensagem da fé e as culturas encontradas.

Pe. Jorge Paleari, PIME

Hoje, podem ser detectados horizontes novos para a "Missão". Trata-se certamente de filões já presentes anteriormente, mas que agora parecem ter um particular destaque, ao menos como sentido indicativo:

- Da difusão de uma cultura à evangelização e à inculturação.
- 2. Do monopólio da verdade ao serviço da verdade: o diálogo.

- Da exclusividade das Congregações missionárias à Igreja como sujeito da Missão.
- 4. Da "caridade" como meio à promoção dos "valores do Reino": a libertação.
- Das 'Missões' ontológicas e jurídicas à dimensão trinitária da Missão: a inserção no dinamismo histórico.

DA DIFUSÃO DE UMA CULTURA À EVANGELIZAÇÃO DAS CULTURAS E À INCULTURAÇÃO (O OUTRO).

Diz a Evangelii Nutiandi: "O Evangelho e, consequentemente, a evangelização não se identificam por certo com a cultura e são independentes em relação a todas as culturas" (n.º 20). É capaz no entanto de fermentá-las todas.

Anteriormente a Gaudium et Spes afirmava: "A Igreja não está ligada de maneira exclusiva e indissolúvel a nenhuma raça ou nação, a nenhuma forma particular de costumes e a nenhum hábito antigo ou recente" (n.º 15).

Não obstante esta clareza, devemos admitir que nem sempre houve uma transparência a respeito da ligação entre Evangelho e cultura e nem sempre o processo evangelizador foi respeitoso da presença de Deus nas culturas "distintas" das do Ocidente.

Desde os primeiros tempos da Igreja, duas correntes se sobressaíram na questão da relação entre Evangelho e Cultura (SUESS, Paulo — Questionamentos e perspectivas a partir da causa indígena. In BRANDÃO, Carlos Rodrigues (et alii) — Inculturação e Libertação, SP, Paulinas, 1986, p. 160-175):

1.1 — O Cristianismo perfeito

A primeira afirmava que o cristianismo é perfeito e as culturas pagãs nada acrescentariam ao Cristianismo já feito. A evangelização, nesta perspectiva, se dá como processo que faz avançar quantitativamente até englobar a totalidade do mundo conhecido. O que está, aparentemente, fora nada acrescentaria num sentido qualitativo.

O método missionário torna-se método de conquista que reduz o outro ao mesmo, através da força, do convencimento e através da "espada e da vara de ferro". Nóbrega, após o ano de 1550, não hesitaria em propor a guerra como a única maneira de sujeitar os índios e de solucionar os vários problemas: o da mão-de-obra para os colonos, o da catequese para os missionários e o da renda para o rei (In BEOZZO. José Oscar - Visão indígena da conquista e da Evangelização. In SUESS, Paulo (org.) - Inculturação e Libertação, SP, Paulinas, 1986).

1.2 - As sementes da verdade

A segunda corrente admitia nas culturas pagãs vagalumes da salva-

ção ou lampejos da verdade. Um dos primeiros padres da Igreja, Justino, apologista, filósofo e mártir (morto em 165 d.C.), é quem admite, depois de Paulo no Aerópago (At. 17,16), que o passado pagão está, também, sob a influência do Logos — Cristo. Justino fala expressamente de sementes do Evangelho presentes nas outras culturas (SUESS, Paulo — 1986, p. 162).

Encontrar nas outras culturas e povos a presença de Deus e as sementes da Boa Nova, foi certamente a redescoberta do espírito mais genuíno do Cristianismo.

Temos que reconhecer, porém, que também esta postura desdobrouse, ao longo da história, numa linha de ambigüidade e de acomodações. Alguns termos se cristalizaram, como assimilação, adaptação e aculturação e desvirtuaram a intuição inicial.

Um dos problemas mais sérios teria sido o de identificar a mensagem cristã com a cultura ocidental. A filosofia grega que emprestou as categorias de tradução ao Cristianismo e que teve em Platão e Aristóteles os mestres para um dos primeiros processos de inculturação, foi também aquela que se impôs como absoluta.

Assim Agostinho e Tomás de Aquino, com suas poderosas sínteses cristãs-helenistas, foram considerados como o modelo e o paradigma para o processo de evangelização futura. Esta síntese foi, sempre, considerada como aquela que melhor expressava a visão cristã.

O dado mais complexo é que uma outra cultura, para ser evangelizada, devia repetir, assumir e falar uma linguagem estranha ao próprio contexto. Mesmo no reconhecimento dos lampejos da verdade, estas outras culturas e seus povos deviam-se revestir de uma roupagem que descaracterizava sua identidade.

Até nos Documentos Conciliares a linguagem espelha, ainda, uma terminologia adaptativa (extrair a seiva, transformar, assinalar a si), mas contém, também os elementos para um avanço, que se mostraram frutíferos no período do pós-Concílio.

A temática da *Inculturação* quer, portanto, resgatar a intuição evangélica dos *lampejos da verdade* e das sementes do Verbo.

1.3 — Na América Latina: o abismo genético

Esta expressão foi criada por Paulo Suess e apareceu num texto mimeografado durante uma Semana Teológica (SP, 2.10.1988).

Substancialmente quer dizer que "na América Latina, em relação às culturas autóctones e às culturas afro-americanas, não houve ruptura (entre evangelho e cultura) porque nunca teve amálgama. O divórcio pressupõe casamento.

Desde os primórdios da Evangelização a imposição do cristianismo dentro da monocultura ocidental fez com que acontecesse um abismo genético e uma incompatibilidade proposital entre a mensagem da fé e as culturas encontradas. Naquele tempo a "Evangelização significava ruptura com todas as tradições, queimada e substituição do passado (...) Este passado, os missionários enfocaram sob o prisma da idolatria ("falsa religião") ou de tábula rasa ("vazio religioso")".

Diz Paulo Suess que as fontes bíblicas ensinam outros procedimentos. "Consta que São Paulo nunca xingou a religião dos atenienses de idolatria; antes elogiou a sua religiosidade; "Atenienses, sob todos os aspectos sois, eu o vejo, os mais religiosos dos homens..." (At. 17, 22-23).".

1.4 — Portanto . . .

Portanto, o homem não pode ser pensado senão a partir de sua própria cultura que é sua própria maneira de viver e de ser. O evangelho o encontra assim e deve dar conta de como ele é.

Também o Evangelho é veiculado por uma cultura e ninguém pode pensar em extrair uma essência que o manifeste em estado puro, sem condicionamentos e limites históricos. A missão deve estar consciente disto para não ser desencarnada e se tornar opressora.

Pode-se falar de uma relação dialética entre a Palavra de Deus e as culturas, em que esta Palavra "critique" as culturas, seja a do Missionário e seja a daqueles a quem o missionário se dirige.

Foi esta a atitude de Jesus a respeito da cultura judaica (Cfr. Azevedo, 1985).

A missão é chamada a este trabalho que tem a perspectiva de séculos. Pensamos no confronto com a milenária estrutura das "castas" na India, com a poligamia na África, com a secularização no Ocidente ou com as culturas populares e indígenas na América Latina.

2. — DO MONOPÓLIO AO SERVIÇO DA VERDADE: O DIÁLOGO.

O grande horizonte do diálogo que está se abrindo diante de nós, não é uma atitude "de moda", de indiferença e de dúvida.

Ele é, antes de tudo, uma profunda convicção interior, uma profunda necessidade para quem crê. Deriva da necessidade de descobrir os sinais do Deus vivente e do seu amor no homem e nos acontecimentos. Foi esta a atitude de Francisco de Assis de ver Deus no pobre e na natureza. Foi esta, também, a atitude de Charles de Foucauld que chegou à conversão notando a oração fiel e convicta de um muçulmano.

A missão nem sempre foi assim e, ao longo da história da evangelização, mergulhou em radicalidades que tornaram pouco transparente o reconhecimento do "bem" na outra pessoa diferente.

2.1 — Fora da igreja não há salvação

É esta uma afirmação que, codificada no Concílio de Florença (1442), norteou toda uma prática missionária. Tem suas raízes no princípio petrino e, anteriormente, na teologia da eleição interpretada como "teologia da exclusão" e não como o povo de Israel como sendo sinal da bondade de Deus no meio dos povos.

A radicalização desta postura fez com que fosse elaborada uma teologia de cunho exclusivista:

- a) O Cristianismo (identificado com a Igreja) tem o monopólio do "caminho, da verdade e da vida".
- b) Afirma-se uma identificação prática entre a Igreja e o Reino de Deus.
- c) A Igreja tem a exclusividade da salvação.

A prática missionária que derivou (e não esqueçamos que estamos no período da grande epopéia missionária - 1500) foi pouco respeitosa da presença de Deus nos outros. Na América Latina, em particular, a evangelização se apoiou sobre o processo colonizador, colaborando na dizimação dos índios e dos negros em força de reduzir à fé (salvação) aqueles que, aparentemente, estavam fora da Igreja. O relato da "visão dos vencidos" e as contundentes análises de Bartolomeu de Las Casas (na "Brevíssima relação da destruição das Índias") são ainda hoje documentos emblemáticos do que significa o "monopólio da verdade".

2.2 — A salvação como dom de Deus

Foi com o Concílio Vaticano II (1962-1965) que, com maior clareza, se reconheceu a necessidade de notar a presença de Deus no mundo e o primado DELE na salvação.

"Todos os homens de boa vontade, a saber: judeus, maometanos, sequazes de outras religiões e, mesmo, ateus que sem culpa ignoram o Evangelho de Jesus Cristo mas buscam a Deus, no mínimo, por principio, podem conseguir a salvação" (Lumem Gentium, n.º 8).

O mesmo Vaticano II diz: "Desde os mais remotos tempos até os nossos dias, encontra-se nesses povos certa percepção daquela forma oculta, presente no curso das coisas e acontecimentos humanos; encontrase, por vezes, até o conhecimento da divindade suprema ou mesmo de Deus-Pai". (Nostra aetate, n.º 2).

Em seguida, iremos ver como a "fundamentação" Trinitária da Missão irá aprofundar, mais ainda, esta perspectiva.

2.3 — O evangelizador como aquele que escuta

Se efetivamente há de ser aprofundada a ligação entre estas duas posições (de um lado a vinculação necessária entre salvação e Igreja (Mc. 16,16), do outro, o mistério da salvação coextensivo à toda humanidade, presente, passada e futura, devemos reconhecer que a Igreja sente-se impelida, antes de tudo, ao serviço. E o evangelizador, enviado em nome da Igreja, se coloca numa atitude de escuta dos sinais de Deus já presentes.

Mais do que dono da verdade, ele torna-se o servidor da verdade. "A palavra de Deus, nos diz Dussel, se revela concretamente e historicamente pela epifania antropológica do pobre".

É somente na dialética Igreja-Reino que pode ser aprofundada a Missão da Igreja, não como monopolizadora da verdade, mas como servidora da verdade, já presente nela, mas mais ampla do que ela.

No esquema básico do Doc. 40 da CNBB, "Igreja Comunhão e Missão", a carta magna da Igreja Missionária no Brasil, é evidenciado o seguinte: 6 dimensões da Evangelização:

- 1. Dim. Comunitária e Participativa;
 - 2. Dim. Missionária;
 - 3. Dim. Catequética;
 - 4. Dim. Litúrgica;
- Dim. Ecumênica e Diálogo Religioso;
 - 6. Dim. Profético-transformadora.

Se necessariamente há de existir este serviço da verdade, alguns problemas se apresentam como desafiadores:

- Como por-se à escuta do "outro" (nova pedagogia), como conhecer o "Outro" (teoria antropológica), como junto com o "outro" construir algo de novo (nova ética), como procurar a verdade junto com o "outro" (nova epistemologia)?
- Se efetivamente a Igreja recebeu a revelação privilegiada de Cristo e ela mesma é o Corpo de Cristo, como se dá a assimilação histórica da plenitude de Cristo sem cair no relativismo?
- Como, na prática, o evangelizador pode passar de uma atitude de possuidor da verdade à de servidor da verdade?

O que deve ser mudado a nível da "pedagogia da verdade"?

3. --- DA EXCLUSIVIDADE DAS CONGREGAÇÕES MISSIONÁRIAS À IGREJA COMO SUJEITO DA MISSÃO.

— Houve um período, relativamente longo, em que a Missão foi reduzida às Missões Católicas, a territórios juridicamente entregues a Congregações Missionárias.

Assim, cada Congregação cuidava, em nome da Sagrada Congregação de Propaganda Fide, daquele território que lhe tinha sido confiado.

Os temas básicos da atividade missionária consistiam em "converter os infiéis" e, sucessivamente, na "plantatio Ecclesiae".

É só recentemente, talvez um pouco antes do Concílio Vaticano II, que a "missão" exigiu a formação de um clero autóctone e a destutelação da Igreja recém-formada.

Em geral, porém, estes territórios "missionários" permaneceram como reduto da própria Congregação religiosa.

- Em geral a tarefa dos cristãos das Igrejas estabelecidas e tradicionais, neste contexto, consistia em providenciar ajuda (com orações e dinheiro) a quem diretamente trabalhava na evangelização dos territórios de missão. A consciência missionária da globalidade do Povo de Deus era uma consciência subsidiária, nunca assumindo com clareza a dimensão missionária inerente ao próprio ser cristão.
- Esta distinção entre Igrejas estabelecidas e territórios missionários (com suas comunidades de segunda categoria) permaneceu até depois do Concílio.

Escreve Pe. Diego Jaramillo (1986) que a formação do Departamento das Missões do CELAM (Conselho Episcopal Latino-Americano) teve que se defrontar, de início, com esta questão. Em 1968 — relata o então encarregado do Departamento do CELAM — na cidade de Melgar, por ocorrência de uma destas reuniões, as questões eram centradas na Eclesiologia e problematizavam o fato de se continuar a admitir a existência de duas Igrejas: uma missionária ou de fronteira e a outra estabelecida ou de conservação.

1. O Vaticano e o doc. Ad Gentes

O Concílio Vaticano II efetuou uma reviravolta de 180 graus na questão missionária através de dois documentos fundamentais: o "AD GENTES" e a "LUMEM GENTIUM".

"A Igreja que vive no tempo, por sua natureza é missionária, enquanto que é da Missão do Filho e da Missão do Espírito Santo que ela, segundo o plano de Deus Pai, deriva sua origem (A. G. 2).

"É verdade que a Igreja Local deve, antes de tudo, evangelizar a porção do povo de Deus que lhe é confiada, incluindo aqueles que perderam a fé ou que não a praticam mais, mas a ela, também, é confiado o dever de promover a atividade comum à Igreja Universal" (L. G. n.º 25 e, mais tarde Evangelii Nuntiandi, 55).

Antes de tudo, a consciência missionária é da Igreja e, sucessivamente, cabe a ela ser o sujeito da Missão. No entanto a Igreja Universal existe e se torna presente em cada Igreja Particular.

As consequências destas formulações teológicas são de amplo alcance. Destacamos algumas:

a) Superação da Missão exclusivamente ocidental

Se efetivamente cada Igreja é missionária, supera-se a exclusividade ocidental da missão e, consequentemente, a formulação do cristianismo dentro de esquemas de pensamentos e de categorias ocidentais. Anteriormente pensava-se que existisse uma cultura (euro-americana) que melhor veiculasse o cristianismo.

Se efetivamente as Igrejas Locais, individualmente e na sua comunhão, são os sujeitos da Evangelização, elas terão também uma maneira própria de fazer a experiência de Jesus e de vivê-la.

Nasceu nestes anos uma sensibilidade particular por esse tipo de reflexão. Concretizou-se na Teologia da Libertação na América Latina, na Teologia da Inculturação na África, na Teologia do Diálogo Religioso na Ásia e na Teologia da Secularização na Europa.

b) As Congregações missionárias a serviço da consciência missionária das Igrejas

Há uma atenuação do monopólio missionário das Congregações mis-

sionárias. Não é por menos que foi a partir do Vaticano II que começaram as crises internas e de identidade dos Institutos para as Missões. É como se de um dia para o outro viesse a faltar o reconhecimento da própria especificidade.

O fato de a Igreja ter incorporado, na sua dimensão fundamental, a realidade missionária e de ela mesma ter-se declarado "sujeito" deste processo, provocou um desnorteamento que durou e continua a durar por vários anos.

Ninguém duvida que ainda seja necessário o reconhecimento deste carisma na Igreja, quase uma necessidade de se manter viva e estimular uma "memória missionária" (Doc. 40 CNBB).

Ninguém quer que as Congregações missionárias se dissolvam, mesmo porque as Igrejas particulares ainda não assumiram profundamente a "dimensão missionária".

Há um estilo novo, porém, que deve ser marcado: a ótica das Congregações missionárias deve mudar. Não mais como detentoras, mas como servidoras e animadoras da questão missionária da Igreja.

Elas, sim, em nome da Igreja, devem favorecer sempre mais a consciência missionária da mesma Igreja, de maneira que esta última seja sempre mais o sujeito da Missão.

- c) Sugestões para o processo formativo
- Não pode ser mais concebido um "programa" de formação que

não inclua as "Diretrizes da Igreja Particular e Local".

— Os estudantes devem ser formados para uma genuína eclesialidade, sendo eles mesmos portadores de uma identidade eclesial a partir de suas Igrejas Particulares. Não é perdendo ou anulando uma "própria identidade" e uma pertença, que melhor se vai inserir no espírito da missão.

A missão, mesmo "ad Gentes", envolve um diálogo de identidades no comum descobrimento do Espírito de Deus que já está agindo e presente na história.

— Uma sensibilidade grande para com a Igreja Particular favorece o sentido de que é esta mesma Igreja que evangeliza e, ao mesmo tempo, é esta mesma Igreja que sempre mais deve assumir a consciência missionária.

4. — DA CARIDADE COMO MEIO À PROMOÇÃO DOS VALORES DO REINO: A LIBERTAÇÃO.

Um outro horizonte que se abre para a missão é o desenvolvimento do empenho da "caridade" que sempre esteve presente no esforço missionário.

Quem não se lembra da intensa atividade assistencial, da construção de hospitais e do levantamento de escolas, feitos pelos missionários?

Tudo isto, muitas vezes, era visto como um meio para alcançar o fim, o único que contava: a conversão dos infiéis e a administração do batismo.

Certamente a caridade verdadeira quer para o outro o bem maior possível que, para o cristão, é o encontro consciente e profundo com o Cristo.

Hoje, porém, aparece mais claro o empenho para promover os valores do Reino, quais a paz, a justiça, a solidariedade, a fraternidade. Estes valores têm uma dignidade em si, mesmo que não desaguem necessariamente num anúncio explícito e em conversões formais. (Cfr. CAGNASSO, Franco — Orizzonti nuovi della missione. In Missioni Domenicane, anno LXII, Luglio-Agosto 1989).

O que possibilita entender isso, para além de polêmicas estéreis como a que foi levantada por "30 Dias" (Março-Abril 1989), é uma Eclesiologia para o Reino.

4.1 — Igreja — reino

A Igreja é sinal e antecipação do Reino, o qual porém não se esgota nela. Ela é germe e semente, sacramento universal da salvação e, como tal, o caminho normal que sinaliza e realiza a aliança de Deus com os homens.

Ela, no entanto, não é o único e exclusivo caminho, nem esgota nos seus horizontes a salvação.

Estamos conscientes de que estamos falando da natureza visível e institucional da Igreja que compreende sua dimensão espiritual. É esta mesma Igreja que é necessária para a salvação.

Esta questão teológica da relação Igreja-Reino ocupou análises e discussões logo após o término do Vaticano II. Todos nós lembramos as sutis articulações de Karl Rahner sobre "os cristãos anônimos" e as reflexões teológicas do teólogo Ratzinger a respeito da "teologia da representação".

Nestes últimos anos algo foi se esclarecendo:

- 1. A Igreja não é fim em si mesma. Ela está a serviço do Reino de Deus. Há uma realidade mais ampla que percorre o mundo todo e a história toda. É um sopro da presença de Deus, encarnado na história, que supera os limites visíveis da Igreja e ao serviço do qual a mesma Igreja se coloca.
- 2. Promover o Reino significa sim, acolher novos homens com o batismo, mas também reconciliar povos em lutas, denunciar a injustiça estrutural e a violência contra um irmão, protestar e criar laços novos de fraternidade e canais novos para uma "nova humanidade".
- 3. Os valores do Reino permeiam a história e exigem dos cristãos uma profunda escuta para que este "bem" apareça, floresça e cresça.

4.2 — A libertação: superação dos dualismos

A libertação é um dos nomes emergentes no campo da missão inserida neste contexto da relação Igreja-Reino. Em determinados contextos gritantes de miséria e opressão, a Igreja, sobretudo na América Latina, propôs um caminho em vista da superação desta situação.

A mesma Igreja foi obrigada a penetrar nos submundos da história deste Continente, escutar, como já o tinha feito Deus para o povo escravo no Egito, os gritos dos oprimidos, atender os anseios dos rostos desfigurados, ver os sinais de esperança e de fraternidade já presentes. Engajou-se profundamente neste projeto de humanização, denunciando o mal e anunciando o Deus da vida.

Estes gritos de dor e estes anseios profundos não deixaram indiferente a maioria das comunidades cristãs.

A missão hoje nos permitiu tomar consciência da força transformadora que pode ter o Evangelho. É algo que opera dentro das pessoas, libertando do pecado e do medo e, em conseqüência, se exprime para fora, transformando as realidades sociais e políticas e construindo relações novas entre os homens. É uma força, também, que dialeticamente atua externamente e consegue ajudar a mudar as consciências e a fazer vencer os medos profundos do homem.

Para além disso, esta atenção aos valores do Reino conseguiu que se superassem as enraizadas dicotomias tão presentes na visão cristã ocidental que privilegiavam o espiritual sobre o material. A herança filosófica do platonismo, antes, e a proeminência da razão, depois, re-

duziram ao nada aquilo que representa a materialidade da vida.

Assim para nós, hoje, é muito mais claro que deva existir uma complementação entre espírito e matéria, entre luta e contemplação, entre anúncio e denúncia, etc.

A pessoa humana não é fragmentada, ela é, antes de tudo, uma globalidade assumida por Cristo.

4.3 — Indicações para a formação

— Há de haver uma grande perspicácia em descobrir os sinais de Deus na nossa história.

Trata-se de uma aprendizagem constante para manter os olhos abertos sobre "os desafios que vêm de baixo" e que constituem parâmetros para a evangelização.

É necessário aprender a ler, através dos fatos e dos acontecimentos, o projeto de Deus e os sinais da não-vida.

- Tudo o que possa permitir este "olhar crítico" sobre a realidade deve ser estimulado e incentivado: atos de solidariedade, reflexões conjunturais de cunho sócio-religioso e participação na denúncia...
- Uma certa forma de engajamento, já no período de formação, que seja estimulante para o florescimento dos valores do Reino, deve ser particularmente incentivada.

DAS MISSÕES 'ONTOLÓGICAS E JURÍDICAS' À DIMENSÃO TRINITÁRIA DA MISSÃO: O DINAMISMO HISTÓRICO.

As expressões "ontológicas e jurídicas" dizem respeito à estaticidade com que foi revestida a questão missionária através dos séculos.

Tudo ficou dito uma vez por todas ao ponto de uma vez esclarecida a "origem" (Deus enviou o Filho e Este enviou a Comunidade dos discípulos), não haver mais nada a acrescentar a não ser regularizar num código emblemático a proveniência, os meios, os fins e... as divisões territoriais.

É necessário destacar o desprendimento e a dedicação dos missionários que em todas as épocas entregaram a vida pela causa do Evangelho. No entanto, para eles, a missão era revestida de uma clareza perene: converter os infiéis; trans-

mitir a doutrina e colocar os primeiros alicerces da Igreja. O que evidentemente levanta algumas questões é o fato de a doutrina ser transmitida dentro da cultura ocidental, da "conversão" dos gentios se dar através de uma explícita ou implícita concordância com os colonizadores, e da formação da Igreja acontecer dentro de moldes estranhos às culturas locais.

Em geral todo este processo se deu a partir de uma rígida distribuição de localizações chamadas "territórios missionários" que cada Congregação devia cuidar em nome próprio.

Em geral, esta era, em grande linha, a ontologia da missão, permitindo pouquíssimas dissidências embora significativas: Mateu Ricci na China, Nobili na India e, entre outros, Frei Bartolomeu de Las Casas nas Américas.

Esta visão estática tinha sua justificação em modelos eclesiológicos ("Fora da Igreja não há salvação"), em teorias antropológicas ("levar aos primitivos a civilização") e no rígido esquema doutrinário-jurídico. De um ponto de vista político correspondia ao modelo expansionista-mercantilista, antes, e ao modelo colonialista, depois.

5.1 — O Vaticano II: a inserção da missão no Ministério Trinitário

Com a inserção da Missão no Mistério Trinitário, não somente na sua origem, mas também na sua fundamentação, na sua motivação, em seu dinamismo, na sua metodologia e na sua sustenção, abrem-se novas perspectivas.

"O mistério da Igreja (e da sua missão) se desvela no desígnio salvífico universal do Pai, na missão e na obra do Filho e na missão do Espírito Santo" (L.G.).

O Doc. 40 da CNBB (1988) sobre a "Igreja: Comunhão e Missão" recupera e desenvolve a intuição conciliar da referência à Trindade. Na parte inicial, os títulos aprofundam o que segue: a missão revela a comunhão, o mistério da comunhão é origem da missão e a missão está a serviço da comunhão.

Surgem consequências de grande alcance:

1. A missão é de Deus. A Igrejanão inventa a missão, mas coopera com Deus Uno e Trino.

Se existe efetivamente uma responsabilidade da Igreja, esta se dá no sentido da colaboração à iniciativa Trinitária e não no sentido de substituir e de inventar a evangelização.

- 2. A missão não se refere, antes de tudo, à extensão da Igreja, porque esta se põe primeiramente a serviço do amor trinitário nas suas insondáveis manifestações, que são mais amplas do que a Igreja visível. Cristo asumiu a história, e o Espírito de Deus age e opera também fora dos limites institucionais, antecipando muitas vezes a ação do evangelizador.
- 3: Em vez de ser uma imposição, a missão é escuta e acolhida de valores que já se encontram presentes, promovendo cada elemento de verdade e de bem (L. G. 48).

5.2 — Vaticano II: a inserção no dinamismo histórico

— A Missão dentro do dinamismo histórico em estreita relação com os homens e o mundo.

Se de um lado a ligação profunda entre Missão e Trindade amplia e sustenta a Missão, de outro a Missão vem também de baixo, das condições e exigências humanas e das possibilidades históricas.

O Doc. do Vaticano II que insiste sobre esta dimensão é o da GAU-DIUM ET SPES, que trata da relação entre a Igreja e o mundo contemporâneo. No n. 228 do Documento 40 da CNBB (Igreja, comunhão e missão) se diz: "A mensagem evangélica precisa sempre ser transmitida no contexto de um diálogo de culturas que exige, de um lado, uma profunda fidelidade ao Evangelho e à autêntica tradição da Igreja e, por outro, um profundo conhecimento e, sobretudo, um profundo respeito pela cultura das pessoas ou grupos sociais com os quais se dialoga".

A evangelização se confronta com a realidade histórica, se inspira e se torna eficaz.

No âmbito mundial tivemos, nestes últimos anos, o processo de descolonização, a emancipação cultural dos novos estados, a planetarização dos dois sistemas econômicos e sociais. Todos estes, para a evangelização, são desafios que vêm de baixo.

Na América Latina, o desenvolvimentismo, a teoria da dependência, a multiplicação dos miseráveis, a afirmação da legitimidade à diferença, o despertar dos novos movimentos religiosos, o surgimento das CEBs, o avanço e as crises dos movimentos populares, etc., representam desafios e questionamentos para o processo de evangelização.

Foi, porém, a Evangelii Nuntiandi que, em 1975, denunciou enfaticamente o descompasso entre a evangelização e o mundo contemporâneo.

A percepção deste descompasso entre o homem de hoje e o processo de evangelização traz um questionamento: ou a mensagem cristã incultura-se no mundo em que vivemos, qualquer que seja o seu contexto, até atingir os núcleos mais profundos da cultura, ou ela vai perdendo sempre mais sua força propulsora e significativa.

Esta dimensão histórica, portanto, é vital para o processo de evangelização inculturada.

Cristo, fazendo-se carne e assumindo em sua profundidade a condição humana, revela o fundamento da inculturação.

A vida, a história e os anseios mais profundos são imbuídos de Evangelho, de Boa Nova.

5.3 — Perspectivas para a formação

- O formador e os formandos estão voltados para a ação do mistério da Trindade. São colaboradores e dóceis à ação do Espírito Santo.
- A abertura para os verdadeiros acontecimentos, os desafios que a partir de agora se apresentam para a evangelização, são elementos de especial atenção para o processo de formação.

O homem, mesmo no complexo mundo técnico-científico de hoje, continua buscando sua identidade e se descobrindo como ser que transcende a si mesmo em direção ao Absoluto (Pe. Marcos de Lima, SDB).

MISSÃO E VIDA RELIGIOSA

De maneira ampla e precisa, missão é a irradiação universal e multiforme da gratuidade do dom que Deus faz de si mesmo à humanidade em e por Jesus Cristo.

Marcello Azevedo S. J.

Estes dois termos fizeram seu caminho nos últimos trinta ou quarenta anos. Compreendemos hoje a necessária vinculação da vida religiosa a missão. Mas o que agora nos parece indiscutível não era assim naturalmente percebido até há bem pouco tempo. A índole e configuração desta interrelação é o objeto deste trabalho. Antes, porém, requer-se uma precisão semântica. Vamos focalizar o que sobre missão e sobre vida religiosa devemos ter presente no estágio atual tanto da experiência e consciência eclesial como da reflexão teológica.

Aproximação semântico-teológica

* Missão

No contexto histórico recente da reflexão teológica, da prática eclesial e da consciência dos cristãos, o

termo missão esteve quase sempre primordialmente ligado à difusão da fé e à implantação de novas igrejas em territórios cuja populacão não havia ainda recebido o anúncio do evangelho. Neste sentido, do singular, missão, passava-se ao plural, missões, ao qual, não raro, juntava-se o adjetivo estrangeiras. Nesta conceituação, a missão conotava transferência de pessoal, de bens e recursos materiais e espirituais, a modificação profunda de modos de viver e de proceder do destinatário, a substituição de boa parte de sua estrutura simbólica e de seu paradigma socio-cultural. Tudo isto se entendia e se legitimava, é claro, pelo objetivo fundamental da difusão do Evangelho. Esta se fazia a partir, em geral, dos modelos eclesiais de uma igreja determinada — igreja fonte — ela mesma situada em um contexto sócio-cultural definido, habitualmente considerado normativo. Esta acepção da palavra missão prevaleceu no vocabulário eclesiástico, na expressão corrente dos documentos e da vida cristã, tanto católica como protestante de várias denominações, durante os últimos quatro ou cinco séculos.

Houve menor atenção ao significado mais teológico e radical de missão que, em nossos dias pósconciliares, vem sendo restabelecido e se torna sempre mais presente. De maneira ampla e, nem por isso, menos precisa, podemos dizer que MISSÃO é a irradiação universal e multiforme da gratuidade do DOM que Deus taz de si mesmo à humanidade, em e por Iesus Cristo. Iesus é central para que possamos viver, compreender e atuar o que chamamos missão. Nossa missão não é senão a continuação e o desdobramento de sua missão, que nos dá inspiração e força, abre-nos perspectivas e aponta rumos.

A missão de Jesus, como a depreendemos do Evangelho, gira em torno de dois eixos mutuamente relacionados. O primeiro é a revelação que nos faz Jesus deste Deus de sempre que se manifestou a Israel, Deus do qual Jesus nos apresenta um perfil mais detalhado. novo e original (1). Em relação a esse Deus, Jesus vive e transmite uma surpreendente experiência, filial e profunda (Mt 11,25-27; Lc 10,20-22). Ele quer que a ela nós também tenhamos acesso de algum modo, em plena comunhão com Deus e entre nós (2). O segundo eixo da missão de Jesus é o restabelecimento em nós da possibilidade dessa comunhão. Em outras palavras, é a refontização de nossa liberdade, para que ela se possa abrir plenamente a Deus e aos nossos irmãos e irmãs. Isto é um processo de salvação, de redenção, de libertação integral. Por Jesus morre em nós o pecado, que é a marca de nossa ruptura com Deus. Por Jesus, nós, que, pelo pecado, perturbamos ou mesmo destruímos em nós e na humanidade o projeto de Deus projeto de nossa comunhão com Ele e entre nós --- somos libertados e ativamente associados à reconstrução de um mundo de amor e verdade, de liberdade e justica (3). Esta edificação de um mundo novo. de uma história portadora dos sinais do Reino, é uma responsabilidade que Iesus partilha conosco. Ele nô-la confia ao enviar-nos a todas as nações, para nelas fazer-lhe discípulos (Mt 28,18-20 e par.). Somos para isso credenciados por ele, pelo dom e pela força de seu Espírito, no seio da comunidade que ele quis e que o acolhe na fé, comunidade que chamamos Igreia.

Portanto, a missão da Igreja e de nós todos nela é basicamente tornar presente (irradiar) a todos essa missão de Jesus e dar-lhe continuidade sob a ação do Espírito. É manifestar em plenitude à humanidade o Deus de Jesus Cristo. É libertar, com e por Jesus, todos os seres humanos, para estabelecer entre eles e com Deus uma comunhão fecunda, apta a transformar no tempo uma história marcada por tantos sinais de morte em uma história de vida que se consume enfim numa vida plena (4).

Isto é missão, na perspectiva bíblico-teológica, a um tempo mais

radical e abrangente. Esta missão nos é confiada a todos em forca de nosso batismo. Por ele somos enxertados em Jesus Cristo, participamos de sua vida e somos por ele chamados e enviados (Rm 6). Esta missão independe do tempo que corre em nós e dos espaços em que vivemos. Esta missão é a alma, inspiração fundamental de toda nossa atividade e comunicação. Com efeito, numa perspectiva teologal, estas só terão sentido quando vistas e avaliadas para além de sua dimensão de funcionalidade e eficiência; quando garantida uma certa autonomia dos atores da missão em relação às mediações e atividades, aos instrumentos e métodos missionários.

Não se trata de sublinhar aqui, de modo dualístico, a distinção entre ser e fazer ou de enfatizar somente a primeira, como se só nela se esgotasse a missão. Trata-se antes, de compreender que o ser-namissão se manifesta espontânea e coerentemente, na dinâmica integrada do fazer e do agir da missão, numa simbiose de mútua exigência e coerência. O ser-na-missão postula, pois, flexibilidade em relação às atividades missionárias. Com efeito. o ser-na-missão, vivido em contextos, tempos e espaços reais e, portanto, vivos e evolutivos, inspira a práxis missionária. Essa práxis constantemente avaliada à luz de sua resposta aos objetivos concretos, configura e define sempre melhor a identidade do ser-em-missão.

Portanto, a missão já não mais pode ser entendida como transplante de igrejas ou criação de igrejasreflexo. Não é necessariamente civilizar primeiro ou paralelamente — no sentido de levar o grupo destinatário da missão a assumir o paradigma socio-cultural do missionario — como condição para viabilizar a evangelização. Não é impor ou absolutizar de modo etnocêntrico uma cultura de referência. Não é exigir a perda da identidade cultural de quem se evangeliza, mas tampouco pretender privilegiála e conservá-la imutável ou hibernada, fora do fluxo relacional e transformador da vida e, por isso mesmo, inerte e alienada.

Missão supõe e implica reconhecer a potencial universalidade do evangelho, o alcance sem fronteiras de tempo ou de espaço, da salvacão-libertação que nos vem por Jesus. Este evangelho se destina a todos os seres humanos e a todas as suas culturas e sociedades, assim como elas são e assim como podem vir a ser, quando fecundadas pelo evangelho e transformadas por dentro e a partir de seus próprios pressupostos. Com efeito, o Deus de Jesus Cristo é o Deus de todos. Ele vive e age na vida de todos os povos em níveis diversos de explicitação a nós e de percepção por nós. A história no seu todo é reveladora deste Deus. E esta história total se tece na multiplicidade interativa das inúmeras histórias dos povos singulares. O mundo criado e sua constante transformação pela humanidade que o habita são parte dessa história amada por Deus e por ele conosco constantemente libertada. Toda ela é historia de salvação (5).

Passamos, pois, de uma conceituação de missão mais restritiva e funcional — enquanto tarefa limitada a alguns na Igreja (os "missionários") e a algumas igrejas (as que não são "território de missão") — a uma perspectiva abrangente e integrada: missão que é de todos na Igreja, que se vive e exerce na mutualidade da interação entre as pessoas e entre as igrejas. O pobre é evangelizado mas também evangeliza; a igreja que evangeliza é também evangelizada.

É no contexto dessa vocação fundamental de todos os cristãos, indissociável da missão, que devemos ver hoje a vida religiosa.

* Vida religiosa

O que caracteriza a vida religiosa entre as diversas vocações na Igreja é a profissão pública, reconhecida e legitimada pela Igreja, de querer-se viver plena, coerente e radicalmente, o projeto evangélico, como objetivo primordial da própria vida (6). Esta radicalidade no traduzir a presença de Jesus Cristo no mundo deve levar a reproduzir na pessoa e na comunidade religiosa a dupla dimensão da vida e missão de Jesus:

— Uma íntima relação de amor para com o Deus vivo, na fecunda acolhida do dom gratuito de seu amor, que se manifesta a todos, àqueles sobretudo que não o conhecem ou dele não têm notícia adequada (afirma-se, por aqui, a multiforme possibilidade de atuar a missão através de inúmeras mediações e praticamente sem fronteiras) —

 Uma atenção especial aos mais simples e carentes (Mt 11,25-27;

Lc 4.16-22; 7, 18-23), principalmente àqueles que, pelas distorções e perversões de suas próprias sociedades e culturas, ou pela ação opressora de outros, sofrem no estabelecer esta relação de amor com Deus e entre eles mesmos ou são até impedidos de fazê-lo. Isto se aplica sobretudo à miséria que desumaniza e avilta a pessoa humana, condição trágica, vivida hoje por grande parte da humanidade (7). Torna-se imperativa a exigência da missão libertadora. Esta passa, por certo, pela liberdade de acesso de cada um a este Deus que se manifesta em e por Jesus. Mas, passa também pelo resgate, na pessoa humana singular, como no grupo sócio-cultural, de tudo aquilo que restringe, coarcta, limita e oprime a realidade humana fundamental. Tornar livres as pessoas individualmente e no contexto transformado das suas sociedades e culturas é uma síntese importante de inculturação-libertação, no processo evangelização, em sua face radical de expressão e exercício de nossa missão em continuidade à missão de Iesus Cristo.

Esta compreensão da vida religiosa, portanto, não a apresenta como algo de melhor, como uma vocação superior a outras mais. Não lhe atribui um campo exclusivo de atuação da missão, um espaço eventualmente inacessível a outros. Nem a coloca como ausente do mundo ou distante dele ou a ele indiferente. Não a reduz à coreografia da estrutura simbólica que a caracterizou diversamente ao longo dos séculos, ao ponto de ter sido, por vezes, identificada com sua primeira razão de ser e com seu

sentido profundo, tornando-se por aí indevidamente intocável em sua concepção interna e em sua expressão externa.

A vida religiosa se afirma antes como um compromisso e profissão públicos, diante de Deus, da Igreja e do Mundo, de querer ir às últimas consequências do alcance da adesão a Jesus Cristo e da comunhão com ele, que passa pela comunhão entre nós (Mt 25, Lc 10,29-37). Este potencial existe em nós pelo dom da fé e a graça do batismo: ele se traduz pela resposta consciente e livre de cada consagrado(a) à vocação para viver e atuar a missão cristã nesse contexto que se chama vida religiosa, situada ela mesma no mundo, em tempos e espacos muito diversificados.

Esta concepção da vida religiosa é, portano, necessariamente cristológica, uma vez que só se entende a partir de Jesus Cristo e de sua (dele) missão. Mas é também uma concepção eclesiológica. De fato, a vida religiosa só se exprime e se legitima em um quadro eclesial. Ela é, com efeito, uma das formas possíveis de presença e ação da Igreja no mundo. A vida religiosa não é nem iniciativa privada de uma pessoa ou grupo, nem um fim em si mesmo, terminal nos que a vivem e professam. Tanto a dimensão cristológica quanto a eclesiológica nos conduzem à missão, raíz mesma e sentido primeiro do plano de Deus, seja da realidade salvífica de Jesus Cristo, o crucificado e o ressuscitado, seja da índole apostólica da Igreja. A missão está, pois, no centro da inteligibilidade e da justificação ou legitimação da vida religiosa, em toda e qualquer de suas formas. Em força da radicalidade do compromisso com Deus e com a Igreja que Ihe é inerente, a vida religiosa é missionária. Ela participa diretamente de uma dimensão ativa da missão de Jesus Cristo que consiste em fazer conhecido, em partilhar e passar à vida das pessoas e à configuração das culturas e sociedades, o conjunto do mistério de Jesus Cristo em seu amplo e insuspeitável alcance.

Focalizando, pois, a semântica de missão e de vida religiosa, vemos que a missão transcende a vida religiosa e pode mesmo dela prescindir. Vemos igualmente, porém, que sem a missão, a vida religiosa não pode ser entendida e nem tem razão de ser. Vejamos agora a relação entre ambas e suas consequências.

Missão e evangelização

Na sinagoga de Nazaré (Lc 4,16-22), reportando-se ao texto Isaías (Îs 61,1-2), Jesus expressa de modo sucinto e pleno a sua missão: evangelizar. Respondendo aos discípulos do Batista, Jesus de fine pela missão sua própria ide dade (Lc 7, 18-23). Concluir ... sua missão na terra. Tesus convoca os apóstolos e os que virão depois deles e os envia aos confins do mundo para evangelizar, para dar continuidade à missão por ele iniciada junto ao povo de Israel (Mt 28, 18-20; Mc 16, 15; Lc 24, 47-48; Jo 20, 21-22; At 1,8) (8). Paulo, que Deus constituiu apóstolo, sublinha a responsabilidade de sua missão que é evangelizar (Rom 15,16).

Podemos dizer que há uma identificação, de fato, entre missão e evangelização. É importante reaproximar e reintegrar estas palavras, que andaram separadas por muito tempo. A razão desta separação estava, de um lado, na acepção restritiva e funcional de missão, como vimos acima e, de outro lado, na visão redutora de evangelização, limitada sobretudo ao anúncio ou proclamação da mensagem evangélica.

Uma leitura plena e profunda do evangelho, à luz da missão evangelizadora do próprio Jesus, como a que acima introduzimos, nos dá da evangelização, que é expressão e concretização da missão, uma concepção mais vasta e abrangente. É só dentro desse contexto, pareceme, que podemos captar o sentido e o papel da vida religiosa à luz da missão.

O quadro anexo (p. 124) pode ajudar-nos a visualizar o que propomos. Os sete verbos grifados indicam dimensões específicas do processo evangelizador. O conjunto destes verbos traduz a perspectiva evangelização, expressão missão, como a encontramos na Escritura e na Tradição, sobretudo em Jesus, em Paulo e na Igreja dos primórdios. A ordem em que os verbos estão dispostos não é necessariamente cronológica. Mas conduz a uma inteligibilidade e significa uma legitimação do processo evangelizador, como logo veremos.

O primeiro verbo é testemunhar, isto é, afirmar, pelo que somos, aquilo que cremos, sabemos e por quê vivemos. Trata-se de ser teste-

munha e de dar testemunho. Não será sempre necessário que o testemunho nos leve à morte. Mas em todo testemunho explicitado meio adverso há uma aceitação consciente de um eventual martírio. moral e/ou físico. Na missão, que é evangelizar, somos chamados a testemunhar sempre, isto é, a expressar pela vida o conteúdo de nossa fé, a adesão nesta fé ao Deus de Jesus Cristo e à tradução ética das exigências desta fé. Em muitas partes do mundo, não há hoje outra forma de evangelizar. Sem palavras possíveis e sem presença institucional visível, o Evangelho é vivido evangelizadores em espacos hostis, geográficos ou culturais, políticos ou religiosos.

O segundo verbo é servir. Podemos dar ao nosso serviço um cunho pragmático, profissional, funcional, técnico. Podemos servir, numa atitude filantrópica unidirecional, de quem dá de sua abundância ou numa posição paternalista, de quem ajuda sem transformar. Em si mesmas, essas atitudes podem humanizar, mas não são ainda evangelizadoras. Jesus insistiu em que ele veio para servir. O seu servir foi um dedicar-se totalmente às pessoas, envolver-se com o bem delas, para libertá-las e fazê-las crescer. O servir evangélico é conhecer e assumir as causas justas pelas quais lutam as pessoas que servimos. Servir é comprometer-se com elas. Servir é, pois, uma versão do amor, que sai de si e se abre ao outro, cria e liberta, como o amor de Deus. Servir é pôr o alicerce da comunhão no chão concreto da realidade vivida.





O terceiro verbo é comunicar. Na linguagem corrente, comunicar é a ação transitiva de passar a outros conhecimento e informação. Comunicar evangelizando, porém, é, sobretudo, comunicar-se, e pôr-se em diálogo com alguém e renunciar ao monólogo unilinear. É captá-lo assim, sendo também eu o que sou e me expressando como tal. A transparência entre nós — tão difícil na realidade cotidiana - revela então, sem barreiras, os pontos de coincidência e as inevitáveis discrepâncias a serem por nós trabalhadas mutuamente. Comunicar então conduz a estar em comunhão entre nós e a viver nessa comunhão com o Deus que a nós se manifesta.

O quarto verbo é partilhar, fazer comum aquilo que é meu, doar-me integralmente na verdade do que sou, pôr ao alcance do outro o que lhe poderia ser fechado ou recusado. O evangelizador partilha e se doa, como Jesus se entregou por nós e o fez até a prova mais cabal de amor que ele mesmo enunciou: dar a vida por quem se ama (Jo 15,13). Este partilhar evangelizador é um perder a vida (a minha), para ganhar a vida (do outro e a minha mesma em uma nova perspectiva). Isto supõe verdade e gratuidade, respeito pleno à liberdade e ao ritmo do outro, na recusa de toda exigência de recompensa ou retorno. Assim Deus partilhou conosco o dom de seu próprio Filho.

Há uma lógica interna nesses quatro verbos. Por aquilo que dizem, eles são já uma forma de evangelizar, um modo de fazer passar os conteúdos fundamentais do Evangelho, antes mesmo de proclamá-lo

pela palayra. As ações que esses verbos comportam são já parte do processo evangelizador. Sobretudo, porém, na lógica do mesmo evangelho, sobretudo do fio condutor de coerência interna que preside ao Sermão da Montanha, o que esses verbos significam e o que por eles se atua constituem o lastro de credibilidade para o anúncio. Evangelizar é obra do Espírito. Ele pode passar por nós apesar de nós e nem de nós precisa para passar por nós. Mas à luz do evangelho, da atitude de Jesus frente aos fariseus e da pedagogia de formação dos apóstolos, é difícil conceber o anúncio sem o alicerce do testemunho e do servico. da comunicação e da partilha. anúncio é central na evangelização e a Igreja sempre assim o entendeu. O evangelizador deve proclamar o DOM que nos é dado por Deus em Tesus Cristo e através dele. É esta consciência do dom que nos abre para intuir e acolher a ação libertadora deste Deus transcendente próximo; ela nos introduz na economia da gratuidade da salvação, inatingível por nós mesmos. Com o dom de Jesus Cristo, o evangelizador deve anunciar também a novidade do evangelho, expressa sobretudo por uma nova concepção de Deus e do ser humano, por um enfoque novo da relação entre ambos, por uma nova perspectiva da relação dos seres humanos entre si e por uma reorientação da relação dos homens com as coisas e a natureza in-(horizonte ecológico). fra-humana Não é aqui o momento de especificar o conteúdo desta afirmação. Mas é fundamental ter presente que Jesus introduz uma visão nova e paradigmas singularmente fecundos em cada um desses aspectos.

Por isso, o anúncio do evangelho interpela sempre e nunca é neutro ou conformista. Questionar, denunciar e até mesmo enfrentar são modalidades dessa interpelação de uma fé concreta a um mundo e realidade concretos. Por aí se captam dicotomias e incoerências, ambigüidades, cumplicidades e ideologias, disfarçadas ou submersas no modo de focalizar a fé ou de viver a vida. Surgem desafios novos que relançam o evangelho com novas ênfases. Este interpelar sintetiza na evangelização a dimensão profética.

A principal decorrência, contudo, de uma evangelização que interpela é a dinâmica de transformação que ela desencadeia. Esta passa pela conversão e libertação, tanto da pessoa individual, como do grupo social humano. Há interação entre ambos e é difícil definir a precedência generativa de um sobre o outro. Um fecunda o outro e uma evangelizacão plena deve atender a ambos, sem exclusivismos de cunho intimista ou ativista. Conversão e libertação são parte integrante do processo de evangelização e são ao mesmo tempo seu grande fruto e produto final. Abre-se então a perspectiva do crescimento na vida transformada pela fé. O crescimento é inerente à evangelização porque esta coloca o ser humano no horizonte da transcendência. Jesus o expressou de muitos modos nas parábolas do Reino, dos talentos, da figueira. Jesus transformou seus discípulos, por sua vida, sua pedagogia (8), sua morte. Mas foi sua ressurreição, dom da vida nova, que trouxe o Espírito. Este é o grande fator de conversão, libertação e crescimento.

Conclusão

É importante que a fecundidade do mistério pascal de Jesus Cristo se faça ativa na evangelização pela ação do Espírito e potencie em nós a missão de ir até os confins do mundo para testemunhar e servir, comunicar e partilhar, proclamar, interpelar e transformar. Esta é a nossa missão de cristãos. Esta é a raiz do sentido e da responsabilidade nossa de religiosos e religiosas de modo especial, pela índole do que somos e professamos por vocação, quaisquer que sejam os caminhos e mediações, os instrumentos e métodos de nossa presença e ação missionária, diante dos quais devemos ser profundamente livres, na fidelidade e na criatividade, ao mesmo tempo.

No contexto amplo e diversificado da vida religiosa e de suas múltiplas versões, a missão que é evangelizar, é assumida como prioridade e característica dos institutos, ordens e congregações, que se entendem e auto-definem como missionários. Não que a missão seia exclusividade deles, como vimos. Mas que a compreensão prioritariamente evangelizadora da missão, nos termos acima oferecidos é, a um tempo, inspiracão, referencial e critério do discernimento e da auto-avaliação de todo o seu ser, agir e comunicar-se, integrados em sua vida pessoal e comunitária.

A consciência desta identidade é importante para a Igreja, porque atua constantemente como sua memória profética da destinação de

toda missão eclesial. No assumir responsavelmente a missão de levar a boa nova a todas nacões, a vocação missionária entre religiosos, como também entre leigos, aproxima os povos e contribui para o multiforme enriquecimento tanto das culturas, quanto da comunidade de fé, na plena atualização da catolicidade. Nesta perspectiva, a universalidade da missão, consequência imediata da fé e do batismo para todos os cristãos, não contrasta com a específica vocação missionária de alguns, assim como a vocação singular dos profetas não conflitava com a vocação fundamental do povo de

Israel, mas antes a realimentava e reorientava. Penso que a planetarização do mundo atual e a coincidente redescoberta, pelas culturas, do valor de suas identidades, não fecham, mas abrem perspectivas para os institutos missionários. Levando em conta sua própria história e experiência, eles devem partir na fé para construir um futuro novo e não para repelir ou restaurar um passado que já não tem retorno. Novas intuições se impõem em um mundo de frofundas transformações socioculturais, que apontam também para uma imprescindível criatividade nas mudanças eclesiais.

NOTAS

Artigo: Missão e Vida Religiosa Marcello Azevedo S. J.

(1) Referido aos deuses ou divindades das várias tradições culturais, o Deus de Jesus Cristo é original. Radicado na tradição de Israel, Jesus a um tempo confirma e expande a imagem do Deus que recebeu, experiencia e anuncia. É um Deus transcendente e não criado, uno e pessoal, pluripessoal em sua realidade trinitária, interpessoal em sua relação conosco, relação de comunicação e intimidade, de interação e interpelação. É um Deus que não só tem amor, mas é Amor e manifesta sobretudo pela vertente mais difícil do amor que é o perdão. É um Deus libertador de tudo o que oprime, marginaliza ou reprime a liberdade humana e impede a comunhão entre nós e com Ele. Não é o deus da idolatria, nem da mitologia, criações humanas; não é o deus da exigência racional dos filósofos, nem o "Ersatz" humano criado pelas múltiplas versões do secularismo moderno para o lugar de Deus. (2) Sob prismas diversos, Jo 17, Lc 11,1-4 e Mt 25, traduzem esta dupla coordenada de nossa comunhão

entre nós e com Deus, Mas o referencial fundamental desta comunhão é o dom da adoção, que em Jesus nos é feito e nos abre à comunhão com Deus, ao mesmo tempo que, pela igualdade radical de filhos e filhas no Filho, estabelece a raíz mesma da necessária e possível comunhão entre nós. Ver Marcello Azevedo S. J., Oração na Vida. Desafio e Dom. S. Paulo, Edições Loyola, 1988, 2ª ed.: "Oração de Jesus e oração cristã". (3) A salvação em relação ao pecado é do alcance exclusivo de Deus e é parte da gratuidade da economia do dom. Nem o indivíduo, nem as culturas podem produzir a redenção. Salvação e redenção são expressão da libertação integral da humanidade, por Deus. Mas há na libertação uma vertente pela qual Deus nos associa à sua obra salvífica. Autores que fomos, como pessoas, culturas e sociedades, da destruição de Seu plano de amor, Deus quer contar conosco para completar o que se cumpriu por Jesus Cristo. Somos responsáveis pelas exigências éticas da mensagem evangé-

Conferência Dos religiosos Do Brasil: Crb



NACIONAL

Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar / Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299 20031 Rio de Janeiro, RJ

Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ 1 de março de 1990

Dezembro e janeiro, em cada ano, são meses de muitos **RETIROS anuais** para nós Religiosos(as). Era o dia 2 de janeiro quando parti para o meu Retiro nos arredores de Brasília, DF. Lugar tranqüilo pela natureza. A chuva do céu. Lembra-se como chovia em janeiro? O verde da vegetação. A paz contagiante da imensa lâmina de água do lago fronteiriço que refletia o céu com seus segredos amoitados pelas nuvens. **A mente sossegada** e o desejo de receber apenas pelos olhos o que a paisagem podia dar. Imersão no tempo que mistura o vivido e o inventado, a memória e a imaginação.

RETIRO: a palavra já o diz: momento de retirada, de recuo educativo e estratégico. Saber emancipar-se da escravidão do cotidiano. E isso, para, em seguida, voltar a ele, com mais garra e radicalidade. As nossas muitas atividades podem levar a um esvaziamento espiritual e a um cansaço precoce. "Marta, Marta" (Lc 10, 41) soa carinho e compreensão e, também, censura ou, ao menos, advertência. São Lucas conta (5, 3): "Jesus, subindo num dos barcos, o de Simão, pediu-lhe que se afastasse um pouco...". AFASTAR-SE, retirar-se não para se isolar das pessoas e de suas angústias. Mas para vê-las todas de frente, à luz de Deus. Ganhar-se em altura, entrar na esfera de Deus, sem se distanciar dos problemas humanos. Para mais AÇÃO sua, o remédio é SUA maior contemplação de Deus. Quanto MAIS mergulhamos em nossos planos, MENOS veremos os planos de Deus. Jesus é o modelo. Como ninguém, foi místico, contemplativo, reformulador e construtor de uma nova história.

A primeira parte constitutiva de um Retiro é ser **tempo de escuta pessoal da Palavra**. O destino do(a) Religioso(a) é decidido no acolhimento — ouvir e praticar — ou na rejeição da Palavra de Deus lida, ouvida, rezada, interiorizada, intuída e contemplada nas pessoas, nas coisas e no fluxo dos acontecimentos, os sinais de Deus no tempo. Por eles Deus se faz sentir presente e agindo. A Palavra se escuta, mas também se vê e se contempla. É testemunho. Ela é como que sacramental, realiza e transmite. **Faz o que diz. Diz e faz**, sem distorções semânticas ou conceituais. Está estreitamente vinculada a vida. Não é abstrata, alienada, subtraída ao curso da história. Nem meramente teórica e, menos ainda, retórica. **RETIRO:** tempo de escuta pessoal desta palavra. "Hoje se pudesse ouvir a sua voz" (SI 95, 7). Você pode. Ouça, então, esta Palavra que conscientiza e comunica força e calor. Anuncia e traz. Ilumina e fortalece.

Na Palavra está a pedagogia divina com que Deus expressa seu sentimento e sua sabedoria salvífica sobre a vida do homem. Lê-la, pôr-se em contato direto, apropriar-se dela. Saber o que está escrito. Tornar nossa a Palavra que é de Deus. "Vou ouvir o que o Senhor tem a me dizer" (SI 85, 9). Meditá-la, isto é, ruminá-la interiormente, assuntá-la, perscrutá-la, dialogar com esta Palavra, atualizá-la na própria vida, aqui e agora. A Palavra meditada é semente de oração. Rezá-la, portanto, como louvor, agradecimento, súplica, intercessão, impetração, ação de graças, ofertório, propiciação, compromisso. Contemplá-la, saborear Deus mesmo na Palavra que ele nos dirige. Contemplação: ponto de chegada. Plataforma para um novo recomeço. RETIRO: clima de permanente referência da própria pessoa a Deus, mediante a sua Palavra, no silêncio, no despojamento interior, no encontro, na aliança, para além do poder e do saber humanos.

Ler — Meditar — Rezar — Contemplar. Quatro dimensões interligadas de uma só atitude. Há entre elas uma interação — dom do Espírito — que une e unifica elementos de per si diferentes. Quatro momentos, distinção, apenas, metodologica como ajuda. Distinguir para unir, como ensina a filosofia. Uma não existe sem a outra. A realidade é sempre síntese vital. É unidade. Não é anatomia, fragmentação, separação. Na Palavra, a espinha dorsal da espiritualidade de qualquer Retiro. Na Palavra, a marca registrada de qualquer Vida Religiosa. A Palavra "comunica a sabedoria que leva à salvação pela fé em Jesus Cristo" (2 Tm 3, 15).

Desejando-lhe **toda** PAZ — consigo, com o próximo, com Deus — e **todo** BEM, com exclusão da injustiça e da opressão, agora e sempre, ao seu inteiro dispor, com renovada estima e fraterna amizade, subscrevo-me.

PE. MARCOS DE LIMA, SDB Redator-Responsável

atenciosamente